

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

**Sucesso e seu preço: um estudo sobre a reflexão ética e moral em um
curso de graduação em administração.**

Caio César Coelho Rodrigues

Piracicaba

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

**Sucesso e seu preço: um estudo sobre a reflexão ética e moral em um
curso de graduação em administração.**

**Caio César Coelho Rodrigues
Orientador:
Prof. Dr. Ricardo Leite Camargo**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de Bacharel em
Administração pela Universidade de São
Paulo.

Piracicaba

2016

Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu pai, Messias Maria Rodrigues Sobrinho e ao meu irmão e anjo da guarda, Fabio Henrique Coelho Rodrigues, os quais, mesmo tendo partido há muito tempo, moram em meu coração. Tenho certeza de que eles estão orgulhosos da trajetória que minha vida tem tomado.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” que me acolheu e permitiu a realização do trabalho e que por quatro anos foi minha casa e família. Da mesma forma aos meus professores, em especial, meu orientador, Ricardo Leite Camargo, por ter sido, além de professor, um pai que me acompanhou nos últimos três anos da Graduação. Não poderia deixar de fora a família e os amigos que tanto ouviram palavras sobre ética e moral e, mesmo sem saber toda a importância do que eu estava realizando, me apoiaram até o fim. Em especial agradeço à minha mãe, que me transmitiu parte da genética de um escritor, e à minha namorada por todo apoio que me deu, e à minha madrinha pela revisão gramatical. Também agradeço ao membro desta banca, Professor Mauricio Bronzatto, que me revelou grandes leituras e contribuições para a consolidação desta pesquisa.

Epígrafe

"Prezado Professor, sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas".

(Fragmento de carta supostamente encaminhada a Janus Korzac de um campo de concentração Nazista)

SUMÁRIO

Dedicatória.....	4
Agradecimentos	5
Epígrafe	6
RESUMO	9
ABSTRACT	9
ÍNDICE DE TABELAS	10
1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Objetivos	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 Conceituação teórica	14
2.1.1 Razão e afetividade	15
2.1.2 Moral e Ética	16
2.1.3 Justiça, generosidade e honra	21
2.1.4 O saber fazer moral: dimensão intelectual	22
2.1.5 O desenvolvimento do juízo moral	26
2.1.6 O querer fazer moral: a dimensão afetiva	28
2.1.7 Resumindo e conceituando	32
2.2 Contextualização da sociedade contemporânea	34
2.2.1 A Sociedade pós-moralista.....	34
2.2.2 A ética e a moral nos dias atuais	35
2.2.3 O Sucesso	37
2.3 O estudo da graduação em Administração da Esalq/USP	42
3 METODOLOGIA.....	44
3.1 Metodologia da análise documental	45

3.2	Metodologia de análise do discurso discente	45
3.3	Metodologia de análise das respostas discurso docente	47
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
4.1	Análise documental do Projeto Político-Pedagógico	48
4.2	Análise da pesquisa com os discentes	52
	4.2.1 O projeto de vida, sua instância temporal e seu alcance na preocupação com o outro.....	52
	4.2.2 A universidade e o sucesso profissional, seu modo e frequência de apresentação e discussão	57
	4.2.3 A universidade e o ônus do sucesso profissional, seu modo e frequência de apresentação e discussão	63
	4.2.4 A percepção do aluno sobre como a universidade deve abordar o sucesso profissional	65
4.3	Análise da pesquisa com os docentes.....	67
	4.3.1 Caracterização da amostra.....	67
	4.3.2 O papel do docente, reflexões sobre o sucesso e suas consequências	68
	4.3.3 A universidade, sua concepção de sucesso e função de educadora ...	73
	4.3.4 Como a reflexão deveria acontecer?	76
4.4	Análise conjunta.....	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
6	REFERÊNCIAS	85
7	ANEXOS	87
7.1	Anexo 1: Questionário aplicado aos alunos	87
7.2	Anexo 2: TCLE dos discentes	89
7.3	Anexo 3: Estruturação da entrevista com os docentes	90
7.4	Anexo 4: TCLE dos docentes.....	91

RESUMO

O presente estudo se baseia em noções teóricas sobre ética e moral, além de uma contextualização da sociedade contemporânea, para estudar o sucesso e seu preço em um curso de graduação em administração. Contando com a análise documental do projeto político-pedagógico do curso, um questionário aplicado aos alunos do curso e também uma entrevista realizada com os professores, a pesquisa objetivou identificar a presença de reflexões dentro do mundo acadêmico sobre o sucesso e suas possíveis consequências. De maneira geral, os alunos entendem que existe o espaço para essa reflexão, no entanto, ela não é prevista no currículo, da mesma forma, existe entre os professores essa preocupação, no entanto, a cobrança da instituição como um todo se volta à pesquisa e a parte técnica do curso fica em destaque, em detrimento da necessidade de reflexão crítica e da formação de administradores com responsabilidade social.

Palavras-Chave: Ética; Moral; Educação.

ABSTRACT

The present study is based on theoretical notions of ethics and moral, as well as a contextualization of contemporary society to study success and its price in an undergraduate course of business administration. With the documentary analysis of the political-pedagogical project of the course, a questionnaire applied to the students of the and also an interview with the teachers, the research aimed to identify the presence of reflections within the academic world on success and its possible consequences. In general, the students understand that there is space for this reflection, however, it is not mandatory, in the same way, there is a concern among teachers, however, the collection of the institution as a whole turns to research and the technical part is more emphasized, then the need for critical reflection and social responsibility.

Key words: Ethic; Moral; Education.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Resumo dos estágios do desenvolvimento moral	28
Tabela 2: Resumo das fontes e métodos de análise	45

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho alicerça-se em uma primeira questão: o sucesso profissional é algo a ser almejado pelo graduando e incentivado pela universidade? Nossa resposta a esta pergunta não necessita de grandes reflexões. Seria um alto e claro sim! Isso se assenta sobre a perspectiva de que o jovem precisa vislumbrar não só aquilo que se lhe apresenta de imediato, mas também tenha alvos a médio e longo prazo.

Essa questão está diretamente relacionada a um processo: o da construção da identidade profissional ou a construção da resposta à pergunta “que profissional desejo ser?”, “onde e como desejo atuar?”. A literatura sobre o assunto é bastante extensa e um dos autores de referência é Rodolfo Bohoslavsky (1996). Para ele, a identidade profissional não se constrói de modo abrupto, ela é um processo que depende de um longo trajeto, no qual a parceria com a escola é altamente recomendável (BOHOSLAVSKY, 1996).

Não desconsiderando a legitimidade do sucesso profissional, faz-se necessário considerar os possíveis desdobramentos que o sucesso pode trazer para os demais, sejam estes mais próximos ou distantes. A coordenação destes dois níveis, o pessoal e coletivo, pode ser encontrada nas reflexões sobre o plano ético e o plano moral.

As definições de moral e ética, segundo La Taille (2006), correspondem às respostas das perguntas, “Como devo agir?” e “Que vida quero viver?” Respectivamente. Em seu livro, o autor ressalta a importância dos estudos de Piaget (1932), Kohlberg (1981) e Gilligan (1982) sobre o desenvolvimento do juízo moral e, como estes, indicam um caminho moral que vai da anomia (ausência de regras) à autonomia (regras organizadas pelo sujeito a partir das bases do respeito mútuo e da reciprocidade), passando, necessariamente, pela heteronomia (regras legitimadas por uma autoridade).

O respeito mútuo e a reciprocidade passam a ser valores básicos para o entendimento da ética e da moral. Eles agregam a ideia de que o ser humano deve ser compreendido como um fim e nunca um meio (KANT, 1974), ou seja, cada pessoa possui valor e dessa forma merece respeito. Tal relação, no entanto, é uma via de mão dupla, ou seja, merece reciprocidade. Esses elementos, aliados com a empatia, fazem os seres humanos buscarem relações pautadas na justiça.

Dadas essas definições, La Taille (2006) propõe que o sujeito, para ser ético, deve ser moral e para tanto ele precisa de elementos cognitivos para o juízo moral e elementos afetivos para a realização da ação moral. O autor considera, por fim, que o sujeito ético, ao escolher a vida que pretende viver, inclui nela princípios e valores que, se seguidos, pressupõem a moral.

No âmbito da administração, a literatura especializada sinaliza que o exercício da reflexão ética precisa necessariamente incidir sobre “o mundo dos negócios”. A exemplo disso, Drover, Franezak e Beltrami (2012) apresentam um exame histórico sobre ética nos negócios. Eles concluem, a partir da análise dos últimos 30 anos, que de 1980 a 1991 havia uma maior preocupação com o aprimoramento da ética nos negócios, já em 2011 houve uma mudança voltando a preocupação para os interesses pessoais. Bageac, Furrer e Reynaud (2011) realizaram uma comparação das atitudes dos estudantes de administração com relação à ética na França e na Romênia e tal estudo observou que os estudantes franceses valorizam o “objetivismo moral¹” e o “darwinismo social²” mais do que os romenos e a explicação é dada pela situação econômica e a história científica do país. Por fim, Abdolmohammadi e Reeves (2000) fazem um estudo de corte longitudinal sobre os efeitos de um curso de ética na graduação em administração. Eles chegam à conclusão de que o curso em geral pode favorecer o desenvolvimento do raciocínio **moral**, mas que isso ocorre dentro de limites bastante estreitos. Mesmo diante dessa possibilidade, os autores encontraram um dado bastante curioso e de certo modo contraditório: em geral, 30% dos estudantes apresentam retroações quanto à percepção da importância da **ética** nas organizações.

Diante do exposto, considera-se necessário conhecer como o espaço universitário pode favorecer a reflexão sobre o sucesso pessoal e profissional e a responsabilidade social vinculada ao exercício da profissão do administrador. Para tanto a pesquisa buscará informações com os alunos de administração, por meio de um

¹ O Objetivismo moral consiste na ideia de que as soluções morais partem da racionalidade, no entanto, a obrigação moral do indivíduo é alcançar seu próprio bem-estar, mas para alcançá-lo deve seguir um código moral válido a todos (BAGEAC, FURRER E REYNAUD, 2011).

² O Darwinismo social é a mistura das teorias de Charles Darwin sobre evolução e seleção natural e a mão invisível de Adam Smith. Essa Teoria defende que os indivíduos devem buscar seu próprio interesse de forma livre em um ambiente competitivo (BAGEAC, FURRER E REYNAUD, 2011).

questionário com os professores do curso, com uma entrevista, e ainda, uma análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP).

Espera-se, por meio dessas três fontes de dados, informações suficientes para descrever como o curso de graduação em administração traz elementos de reflexão sobre o sucesso e suas consequências no exercício da função profissional do administrador.

1.1 Objetivos

Estuda-se o tema diante de três pontos de vista diferentes a saber: dos alunos que já cursaram cinquenta por cento do conjunto de disciplinas obrigatórias previstas na grade curricular do curso de administração da ESALQ/USP; dos docentes desse mesmo curso e da universidade, dada pelo Projeto Político-Pedagógico. Dessa forma, objetiva-se: (1) Identificar se o espaço acadêmico universitário promove reflexões sobre o sucesso profissional; (2) Entender se existe e como é feita a reflexão, dentro do espaço universitário, sobre os desdobramentos sociais do sucesso profissional; (3) Conhecer como, na perspectiva dos alunos e dos professores, a universidade deveria abordar o tema “sucesso profissional”.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Dentre os grandes temas das ciências humanas tem-se a moral e a ética, dois conceitos complexos presentes na vida de qualquer pessoa e que dão base a todo o nosso convívio social. Nessa linha de raciocínio, acrescentamos ainda uma perspectiva aplicada ao ambiente das organizações empresariais, mais especificamente aos futuros tomadores de decisão dessas empresas, os alunos de graduação do curso de administração.

Serão, portanto, foco dessa revisão de literatura a conceituação teórica dos termos moral e ética e os desdobramentos necessários desses termos para aplicação deles neste estudo. Em sequência, se fará uma contextualização da sociedade contemporânea, para reforçar a justificativa da pesquisa e colocá-la em um contexto temporal e cultural. Da mesma forma, apresentam-se os resultados de pesquisas com temas que se aproximam desse estudo com a finalidade de dar consistência aos resultados. Por fim, serão apresentadas as características do próprio enfoque da pesquisa, ou seja, o curso de graduação em administração da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) campus da Universidade de São Paulo (USP).

2.1 Conceituação teórica

Para que essa discussão possua um contexto definido é necessário encontrar uma teoria que ressalte a importância e os conceitos pelos quais percorrem a moral e a ética. Dois elementos que, apesar de distintos, são complementares e serão pontos chave do presente trabalho.

A base teórica de ética e da moralidade se pautará nos estudos de Yves de La Taille³, mais especificamente nas obras “Moral e Ética Dimensões intelectuais e afetivas” (2006) e “Formação ética. Do tédio ao respeito de si” (2009). Essa conceituação será apresentada a seguir.

³ Yves de La Taille é um psicólogo francês naturalizado brasileiro e professor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e sua especialização é o estudo da moral.

2.1.1 Razão e afetividade

Para La Taille (2006) a moralidade possui diferentes interpretações psicológicas, dentre elas citam-se duas linhas de pensamento: uma que enfatiza a afetividade presente na moral, baseada na teoria de Émile Durkheim (1902/1974) e Sigmund Freud (1929/1971), e outra que tem enfoque na racionalidade da moral tendo como base as teorias de Jean Piaget (1932) e Lawrence Kohlberg (1981), com essas duas correntes em mente tem-se a moral como contribuição tanto da razão quanto da afetividade.

Apesar de cada dupla de autores possuir bases diferentes para a moral pode-se entender que a razão e a afetividade não são coisas opostas e, portanto, podem coexistir dentro da explicação do termo moral que, aliás, é entendido de forma diferente pelos quatro autores que procuraram estudar o mesmo assunto “a gênese do sentimento de obrigatoriedade do sujeito moral” (LA TAILLE, 2006, p.18). Para Durkheim esse início se encontra na autoridade máxima ou o sagrado, para Freud na expressão do superego ou do (ideal do ego)⁴ e para Piaget (1932) e Kohlberg (1981) na razão dos indivíduos durante seu desenvolvimento moral.

Além de buscar saber a origem ou a gênese da moral, pode-se questionar se a moral, a noção do dever e do correto é universal (comum a todos) ou está sujeita aos contornos culturais. Frente a essa questão, encontram-se três posições: relativismo axiológico, relativismo antropológico e o universalismo.

O relativismo axiológico entende a existência de diversas morais com valor, de forma que elas se valem nas diferentes culturas e, portanto, não admite comparação ou o estabelecimento de uma hierarquia. Nessa concepção deve-se ser tolerante com qualquer tipo de conduta (LA TAILLE, 2006; 2009).

A visão do relativismo antropológico também entende a existência de diversas morais que se diferenciam culturalmente, contudo as virtudes justiça e benevolência existem nas diversas sociedades. Esse conceito é apoiado pelos autores que se baseiam

⁴ “Colocado aqui ideal do ego e superego, pois se subentende que ambos tenham funções diferentes que compõem a moral, o primeiro se relaciona aos ideais e valores, que permite escolher o que é o bem e o mal, e o segundo está mais próximo das normas de conduta, ou seja, a obediência às regras morais.” (La Taille, 2006)

na afetividade e conceituam a moral pela heteronomia, no entanto, para Piaget (1932) e Kohlberg (1981) o fato do indivíduo, por meio da razão, ter a possibilidade de ser autônomo respeitando os princípios de reciprocidade, justiça e equidade, justificando-os por si próprios, sem a necessidade de uma autoridade, leva, por parte desses dois autores, a um desfavorecimento do relativismo antropológico e um apoio ao universalismo moral e ao que Piaget (1932) chamou de construtivismo. Esse último conceito entende que existe uma construção da moral no ser humano que ocorre em paralelo ao desenvolvimento cognitivo, tal teoria será abordada mais à frente (LATAILLE, 2006; 2010; THIRY-CHERQUES, 2008).

Diante das duas linhas de pensamento pode-se pensar que uma delas parece ser a mais correta, seja aquela que conceitua moral como a obediência à autoridade e, portanto, como heteronomia, ou a linha que entende a moral como uma possibilidade de autonomia por meio da razão. Nesse sentido, deve-se entender por que as duas linhas não são opostas e sim complementares. Sabe-se que é impossível um sujeito autônomo tomar consciência das normas morais sem o uso da racionalidade comprovando a relação da razão com o conceito de moral, no entanto, as ações morais efetivas não podem ser realizadas sem um elemento afetivo, do contrário não existiria autonomia possível.

É fato que todas essas definições devem ser compreendidas com cuidado, pois cada um dos autores entende seu objeto de estudo de uma forma diferente e é com essa intenção que se tem agora a definição de moral e sua diferenciação da ética.

2.1.2 Moral e Ética

Atualmente se encontram diferentes autores utilizando os termos moral e ética. Alguns apresentam esses termos como sinônimos, outros, porém, os diferenciam. Desde já, cabe esclarecer que isso se deve a um sistema de convenção, ou seja, por motivos específicos alguns os tratam como sinônimos e outros não, além de utilizar conceituações distintas. Embora as diferencie, La Taille (2006) esclarece que a moral, proveniente do latim, e a ética, do grego, em sua origem, remetem a um mesmo significado: o “campo de reflexão sobre os ‘Costumes’ dos homens, sua validade, legitimidade, desejabilidade e exigibilidade” (p.25), tendo ainda, como base, a

felicidade. Entendido que o uso desses termos se dá por convenção, para o presente estudo eles serão tratados como diferentes e definidos como se segue.

Para a sua diferenciação primeira vê-se que a moral pode ser vista como um fenômeno social que dá aos indivíduos deveres que possibilitam a vida com o outro. Já a ética contempla uma reflexão filosófica e abstrata podendo estabelecer deveres no espaço público, ou seja, na sociedade como um todo, portanto, este conceito se aproxima do desenvolvimento moral descrito por Kohlberg (1981) e Piaget (1932) quando os dois autores identificam a autonomia enquanto um processo de reflexão e de raciocínio.

Em uma hierarquia de abstrações vê-se que a moral se encontra em um patamar mais concreto, podendo estabelecer normas que regem as relações privadas entre as pessoas, já a ética se situa em um campo muito mais abstrato e exige a reflexão pessoal de sua existência e a busca pela felicidade (RICOEUR, 1990).

É claro que existem outras definições para os conceitos de ética e moral dadas por outros autores. Por exemplo, atualmente, quando pensamos em moral logo pensamos em moralista, como algo ruim que julga e que implica normas. La Taille (2006) ainda faz um questionamento se essa depreciação da moral não é uma “desconfiança em relação à consciência moral dos indivíduos” (p.28).

Discutidas as suas diferenças, pode-se, segundo o autor, definir moral e ética como respostas a duas perguntas diferentes: a primeira corresponde a “como devo agir?”, já a segunda, com ênfase na reflexão, tem sua indagação dada por “que vida quero viver?” (LA TAILLE, 2006, p.29).

Essa diferenciação se fez imprescindível para a compreensão do que é moral e como se pode abordá-la no decorrer dessa pesquisa, no entanto, pode-se aprofundar ainda mais o seu conceito.

2.1.2.1 O plano moral

Como visto, os teóricos com ênfase na razão entendem que a moral possui uma tendência universal que inclui princípios encontrados nas diversas sociedades ao longo dos séculos. Esses princípios são a reciprocidade e a justiça, no entanto, quanto a forma

da moral existe, em ambas as linhas de pensamento, um ponto em comum, o sentimento de obrigatoriedade, presente inclusive na indagação da moralidade “como **devo** agir? ”.

Esse sentimento de obrigatoriedade se mostra presente no indivíduo que, por conta de sua consciência moral, realiza ações morais, por outro lado, se se acreditasse que todos os sujeitos agem conforme seus interesses, seja por uma recompensa ou um medo, não se poderia falar que a moral possui uma realidade psicológica e, portanto, ela não existiria. É fato que todas as culturas possuem um sistema moral e todos os seres humanos são capazes de experimentar o sentimento de obrigatoriedade definindo então a existência da moral do ponto de vista sociológico e psicológico.

Concluindo a existência da moral como um campo de estudo com princípios definidos, uma distinção importante do fazer moral se encontra com base em duas linhas teóricas, as deontológicas e as teleológicas, que explicam o valor moral de formas diferentes (LA TAILLE, 2006).

- Teorias Deontológicas: A obrigatoriedade do dever moral se dá porque o dever é bom em si mesmo, incondicionalmente, como, por exemplo, o dever moral de não mentir vale para todas as situações por ser bom em si mesmo.
- Teorias Teleológicas: Mede-se o valor moral de uma ação pelas consequências da mesma, por exemplo, é moralmente correto mentir para refugiar um perseguido sem nenhuma culpa.

O confronto entre essas duas matrizes (a teleológica e a deontológica) se manifesta quando, diante de uma escolha, há um embate entre dois valores morais legítimos. Talvez um dos mais impactantes dilemas morais apresentados na literatura e na dramaturgia se encontra na obra “A Escolha de Sofia⁵”. Mãe de duas crianças judias, Sofia é obrigada por um soldado nazista a escolher uma das filhas para viver com ela. Caso não decidisse, mataria ambas.

Embora em situações bem menos trágicas, o dilema moral é marcado pela tensão gerada frente a uma situação na qual existem valores positivos e negativos, assim como

⁵ Livro publicado por Willian Styron (1979) que depois teve sua história filmada em 1982 sob a direção de Alan J. Pakula.

consequências boas e ruins. Tais situações são frequentes na sociedade inclusive nas discussões sobre aborto, eutanásia, suicídio e pena de morte.

O sentimento de obrigatoriedade, muitas vezes, pode ser encontrado em outras instâncias que não a consciência do indivíduo, de forma que, alguns deveres morais podem ser expressos por meio do sistema jurídico. No entanto, são os sentimentos enraizados, sobretudo nos costumes e na tradição, que se encontram na lei. Tal sentimento, quando não respaldado em lei, possui consequências sociais, como a exclusão de um grupo.

Além disso, o sentimento de obrigatoriedade pode ser estudado a partir de sua frequência. Pode-se observar que, muitas vezes, o dever existe, no entanto, outros sentimentos são maiores que ele e impedem a realização da ação moral. Isso pode não acontecer apenas em um único problema, pode ser que, para diferentes problemas o sentimento de obrigatoriedade prevaleça sobre os outros ou não. Falar-se-á mais sobre o sentimento de obrigatoriedade quando na contextualização da sociedade contemporânea e o aparente “crepúsculo do dever” que, segundo Lipovetsky (2005), está se vivendo.

Dado o aprofundamento do plano moral, destaca-se agora o plano ético.

2.1.2.2 O Plano ético

Percebe-se que a pergunta anterior do conceito de ética “que vida eu quero viver?” pode se tornar simplista, e, para incluí-lo no tema proposto, pode-se modificar a indagação para “Que elemento psicológico estaria necessariamente contemplado para que se possa de fato viver bem?” (LA TAILLE, 2006), dessa forma descarta-se a possibilidade de definir a ética como a simples felicidade ou como momentos de prazer ao longo do tempo.

Ainda que a ideia de felicidade não seja suficiente para explicar a ética, ela traz um elemento que estará presente em sua conceituação, o fluxo temporal no qual ela se encaixa, ou seja, o fluxo de vida do sujeito. Outro elemento, que também está presente nessa conceituação, é o sentido da vida para o indivíduo, sem um sentido ele não

poderia ter uma “vida boa”⁶. Com esses dois elementos, entende-se ainda que a busca da ética é a expansão de si próprio procurando responder à questão simples “que vida eu quero viver?” e contemplando os aspectos específicos de subjetividade, extensão temporal e busca do sentido da vida (LA TAILLE, 2006).

Indo além, tem-se a visão de ética de Paul Ricoeur (1990 apud LA TAILLE, 2006) “uma vida boa, para e com outrem, em instituições justas”, onde estão contemplados aqueles três aspectos e a relação ética para com o outro, para com a sua própria felicidade, para com as instituições a sua volta e com a própria justiça.

De maneira geral, pode-se entender o plano ético como a formulação de um projeto de vida, dessa forma ele envolve uma subjetividade, ou seja, uma escolha pessoal. Assim, ele contempla uma perspectiva futura, ou seja, uma extensão temporal não se limitando a momentos específicos e, por fim, esse projeto de vida deve ter um sentido, uma finalidade que é denominada por “expansão de si” (LA TAILLE, 2006; ADLER, 1993/1991, 1912,1992).

Dados os conceitos diferentes e aprofundados de ética e moral pode-se relacionar os dois da seguinte forma:

2.1.2.3 Relação entre os planos ético e moral:

Entende-se que a moral implica um sentimento intrínseco de obrigatoriedade movido pelo próprio indivíduo. Esse sentimento deve ser a expressão da expansão de si do sujeito e, nesse sentido, entende-se que a ética contém a moral, pois é a ética que indicará o caminho subjetivo para a vida boa. Por outro lado, é praticando a moralidade, ou seja, seguindo as regras, os princípios e os valores, que lhes são caros, é que o indivíduo consegue adquirir fatores psicológicos para ter esta “vida boa”.

Em outras palavras, a busca pela “vida boa” traduz-se na expansão de si, ou seja, na procura por uma imagem de si mesmo como alguém de valor. Esse valor, como será

⁶ Convencionou-se aqui como “vida boa” a vida de cultivo dos valores e virtudes, ou seja, busca-se, em seu projeto de vida, honrar aquilo que se tem como moral. Tal conceito distancia-se do senso comum de uma vida boa como sendo a simples felicidade ou o conjunto de alegrias e prazeres (La Taille, 2006).

discutido mais adiante, é dado pelo mérito. Dessa forma a pessoa que busca a expansão de si segue seus princípios morais e cria sua personalidade ética.

Essa reciprocidade entre moral e ética traz um novo conceito ao estudo, o autorrespeito, só age moralmente quem possui ética para fazê-lo e, portanto, respeita a si próprio, é nesse sentido que a ética é a base da moral e, portanto, esta última é necessária a um projeto de vida ético. Em resumo a preocupação com o outro deve fazer parte dos objetivos pessoais.

2.1.3 Justiça, generosidade e honra

Como vimos até aqui, as teorias que têm por ponto central a razão e a afetividade não são excludentes. Tendo diferenciados e relacionados os conceitos de ética e moral, podem-se estabelecer seus conteúdos e formas. A ética tem uma forma que se caracteriza pela expansão de si, pela busca da felicidade, seu conteúdo, por outro lado, será diferente dependendo das perspectivas de vida de cada um, ou seja, será subjetivo. A moral, por sua vez, tem o sentimento de obrigatoriedade como sua forma, seja na heteronomia ou na autonomia, contudo podem-se elencar três conteúdos primordiais a moral, a justiça, a generosidade e a honra (LA TAILLE, 2006).

A ética deve existir como um plano da felicidade que inclui o outro, e esse incluir o outro faz com que ela inclua também a moral em seu conceito, de forma que as visões éticas devem ser coerentes com as ações morais daquele que busca a “vida boa”. No entanto, a expansão de si, do ponto de vista ético, é muito ampla e é interessante aqui destacar, principalmente, os deveres necessários à moral para atingir a felicidade permeando então a ética. É por esta razão que as três virtudes, conteúdos da moral, elencadas por La Taille (2006), justiça, generosidade e honra, são apresentadas a seguir.

A justiça, como virtude mais racional, tem seu papel para com o outro. Ela segue dois princípios: o da igualdade e o da equidade. Ambos, em conjunto, trabalham para tornar igual aquilo que é diferente, gerando justiça e dando ao outro o que é dele por direito. Tal virtude também é elencada como ponto central para onde caminha o construtivismo de Piaget (1932).

A generosidade, como segunda virtude apontada, complementa a virtude justiça, pois dá ao outro o que lhe falta, não o que é dele por direito, como no primeiro caso. Com relação à segunda virtude mencionada como conteúdo moral, tem-se a exposição de Carol Gilligan (1982) que acredita em uma ética da justiça presente, predominantemente na concepção masculina, e outra do cuidado, ressaltada na perspectiva feminina e com íntima relação com a generosidade.

A última virtude, a honra, é aquela que vai permitir a discussão anterior sobre o autorrespeito. A honra em si é o autorrespeito, ela é entendida como o valor moral que a pessoa tem aos próprios olhos e que é reconhecida pelos olhos dos outros, portanto a honra traduz o seu mérito moral, e como se vê é o autorrespeito que permite que as ações morais tenham que ser realizadas de acordo com os valores éticos, de forma que, a honra é o elemento de união entre a moral e a ética (LA TAILLE, 2006).

Definidas as diferenças entre moral e ética, suas formas e conteúdos, parte-se agora para o entendimento do juízo moral, sendo necessário o estudo da dimensão intelectual da moral.

2.1.4 O saber fazer moral: dimensão intelectual

Colocou-se até agora a diferença entre moral e ética e alguns princípios que os compõem, de modo geral percebeu-se que a felicidade, que é o objetivo da ética, comporta a moral e a honra é a virtude que os une, no entanto, o saber fazer moral é uma outra concepção que deve ser destacada. Nela temos que o indivíduo deve “saber”, ou seja, ter juízo, reflexão e pensamento e “fazer” entendido como a própria ação moral, e é nesse “saber fazer” que existe a discussão da relação entre a razão e a moral assim como seus complementos o conhecimento, o equacionamento e a sensibilidade.

Antes de partir para o desenvolvimento desses complementos, vale ressaltar a definição de pessoa moral: um agente responsável com juízos e ações que tem permissão para realizá-los pela sua liberdade de escolha, e o faz mediante seu sentimento de obrigatoriedade em relação aos valores, princípios e regras, dando destaque a reciprocidade e ao respeito mútuo (LA TAILLE, 2006).

2.1.4.1 Moral e conhecimento:

A relação entre moral e conhecimento pode se tornar bem clara se se entender que a moral pressupõe regras e que essas regras devem ser conhecidas para serem seguidas, no entanto, essas regras se baseiam em princípios que podem ou não ser assimilados pelo sujeito a depender do seu desenvolvimento moral. Esses princípios são baseados em valores necessariamente sentidos e pensados, resumindo, a moral implica o conhecimento de regras, princípios e valores, o conhecimento sobre eles é necessário, porém não é suficiente para o sujeito moral.

Cabe-se aqui definir e diferenciar esses três termos. As regras são as formas mais básicas de como se deve agir e elas podem ser descritas em leis ou até mesmo socialmente. Os princípios são as estruturas que legitimam as regras e eles se dão de maneira mais ampla e abstrata. E por fim, os valores se apresentam como investimento afetivo, como as questões mais caras ao plano ético de cada um. Para facilitar o entendimento pode-se exemplificar essas questões: a regra de não matar, respaldada inclusive em lei, é legitimada pelo princípio do respeito mútuo e o valor associado a eles é a própria vida (LA TAILLE, 2006).

O conhecimento é necessário em várias esferas da moral e pode-se considerar, como visto, a necessidade de conhecer as regras, os princípios e os valores. Por outro lado, conhecer o outro também é importante se se der destaque à reciprocidade moral, uma das maneiras de conhecer o outro é através de sua cultura. Destaca-se então a importância de conhecer a cultura do outro.

Uma ressalva importante quanto à palavra conhecimento pode ser feita aqui, a moral não é exclusiva das ditas pessoas cultas.

“Devemos reconhecer que há pessoas com poucos conhecimentos científicos, políticos e psicológico, que mostram ser capazes de ações morais bem superiores a vários ‘doutores’ universitários” (LA TAILLE, p.79, 2006).

Quando se fala em conhecimento, tem-se como ideia geral que o indivíduo, por meio da razão, deve buscar tanto o autoconhecimento como o conhecimento de outras culturas. Podendo ele entender a si mesmo e aos outros, assim como seus princípios e valores, esse conhecimento independe de formação educacional, mas necessita da busca de reflexão e de fazer moral por si próprio.

2.1.4.2 Equacionamento moral

Em conjunto com o princípio da igualdade, que aqui inclui aquele já citado de equidade, tem-se que, para diferentes situações podem existir: apenas uma solução moral ou soluções moralmente conflitantes. Neste segundo caso encontra-se o chamado dilema moral que deve passar por um equacionamento para a tentativa de uma solução ou ao menos de uma reflexão sobre a situação.

É dentro dos dilemas morais que estão presentes a razão e o juízo e somente com o equacionamento é que se possibilita a ação moral. Pode-se definir equacionamento como uma balança, que permite aos sujeitos morais pesar as regras, os princípios e os valores morais com clareza, ponderando e destacando os elementos para tomar a decisão racional com uma hierarquia de valor entre as decisões (La TAILLE, 2006).

Vale ressaltar que, em um dilema, sujeitos diferentes podem chegar a respostas diferentes, o equacionamento não traz um mesmo juízo a todos, mas sim o próprio fato de haver reflexão faz com que o sujeito, com o saber fazer moral, seja detentor da capacidade de julgar e defender a sua solução em meio a um problema com certa complexidade. A mencionada Carol Gilligan (1985), por exemplo, estudou as diferenças da ética entre homens e mulheres, e defendeu que as mulheres possuem uma ética do cuidado, enquanto os homens tendem a uma ética da justiça, ou seja, em um dilema, as respostas podem ser diferentes, pois os elementos com mais importância para um podem ter diferentes pesos para outro.

Outra problemática é a de que, em um dilema, as decisões podem variar se elas forem ações concretas de uma pessoa ou somente uma reflexão sobre um caso hipotético, essa foi uma das considerações feitas pelo próprio Piaget em seu livro “O juízo moral na criança” (1932).

O equacionamento ligado à moral traz outra reflexão já citada, a diferença da moral teleológica e da moral deontológica e tem-se que algumas soluções morais são pensadas pelas suas consequências (teleológicas) e outras são pensadas com base em deveres morais incondicionais (deontológica).

Em resumo, o equacionamento é elemento do raciocínio para a resolução de dilemas morais. Ele remete à reflexão humana em situações morais para se decidir sobre

a ação necessária e sua resolução, no entanto, pode ser diferente a depender da pessoa, de seu conhecimento ou, até mesmo, das circunstâncias dessa reflexão.

2.1.4.3 A sensibilidade moral

Ainda dentro das definições do sujeito moral, atenta-se a sua sensibilidade moral como a capacidade de perceber as questões morais ainda que elas não estejam presentes com clareza. Essa sensibilidade é necessária a sujeitos que podem reduzir a moral a um simples conjunto de regras, no entanto, existem momentos em que as regras não são suficientes e o sujeito moral deve perceber e inferir de certas situações o saber fazer moral implícito nela.

Como já visto, não é necessário nenhum especialista para que exista a moral, e assim também é a sensibilidade moral, que é alcançada pela disposição de entender mais a fundo uma situação, inclusive, esse olhar é importante para saber quando determinados julgamentos estão errados sobre algo que não é moral. Por exemplo, a interpretação dos pais sobre quando o filho conta uma mentira ou esconde algo, *a priori* esta seria uma ação imoral, no entanto, se se percebe que até para a criança existe um limite de privacidade e uma importância intrínseca em determinado segredo, cabe ao adulto ter sensibilidade para perceber a moralidade na ação do filho e até que ponto ele pode invadir a sua individualidade (LA TAILLE, 2006).

Apesar das similaridades entre o equacionamento e a sensibilidade pode-se diferenciá-los da seguinte forma:

“Enquanto o equacionamento destaca elementos morais, pensa em pressupostos e implicações e os hierarquiza, a sensibilidade moral fica mais presa ao contexto, a detalhes, à singularidade das pessoas” (LA TAILLE, p.95, 2006).

Assim, encontra-se o conceito de justiça mais ligado ao equacionamento e a generosidade, por sua vez, à sensibilidade. Isso indica que, enquanto presentes na moral, o equacionamento entende o sujeito como detentor de direitos e a sensibilidade entende o sujeito com necessidades psicológicas (LA TAILLE, 2006).

Até aqui se viram os componentes da moral do ponto de vista racional, ou seja, do juízo moral, dando destaque ao conhecimento, ao equacionamento e à sensibilidade, no entanto deve-se entender como o juízo é desenvolvido.

2.1.5 O desenvolvimento do juízo moral

Pela opção de La Taille (2006) e, por conta de ser mais relevante e possuir mais estudos, escolhe-se aqui entender o desenvolvimento do processo de equacionamento, não deixando os outros dois de lado, visto que, eles andam juntos. Porém, é o equacionamento que permite a ação moral e, portanto, deve ser estudado. Ademais o processo de coleta de dados por entrevista ou questionário procura captar o raciocínio do indivíduo e não suas ações, com isso fica facilitada a análise do equacionamento em detrimento da sensibilidade.

Como exposto anteriormente, tanto Piaget (1932) como Kohlberg (1981) entendem a moral como um fator que se desenvolve e se constrói ao longo dos anos. Para Piaget (1932) em três níveis, sendo que os últimos dois são morais, anomia, heteronomia e autonomia, e para Kohlberg (1981) em três níveis que se subdividem em dois estágios cada um, sendo os níveis denominados de pré-convencional, convencional e pós-convencional. Vale ressaltar que, enquanto Piaget (1932) construiu sua teoria com base no desenvolvimento moral da criança, Kohlberg (1981) notou que a mesma construção continua ocorrendo na idade adulta. Independente da linha a ser seguida, entende-se que essa construção, rumo a autonomia moral, se dá por meio da interação do indivíduo com o meio, que, com estruturas lógicas já existentes, redefine e adota os valores, as regras e os princípios da sociedade em que vive.

Entende-se que a definição do estágio ou da posição moral do sujeito se dará por meio da tendência dominante na pessoa, por meio da qual ela pensa as ações morais, ou seja, a forma como ela legitima as regras com mais frequência, seja por meio da autoridade ou do raciocínio próprio. Uma ressalva aqui é que os indivíduos podem ter respostas diferentes se a ação moral estiver inclusa em uma história contada ou em uma situação real, de forma que na história ela pareça ser heterônoma e na situação ela possua um caráter autônomo, devido à própria influência da afetividade. Por fim, fica claro que os estágios, seja para Piaget (1932) ou para Kohlberg (1981), possuem uma ordem a ser seguida, pois o estágio seguinte surge da superação do anterior, portanto, não há inversão de ordem.

Tanto a teoria de Piaget (1932) como a de Kohlberg (1981) já foram largamente exploradas, no entanto, os conceitos de anomia, heteronomia e autonomia implicam em observações que auxiliam o entendimento do desenvolvimento do juízo moral.

A anomia é entendida como uma fase antes da moral e, portanto, como a fase em que, embora a criança siga regras ou convenções, como a hora de dormir, de comer, ou outras relacionadas a moral como não bater ou não xingar, ela não entende o motivo do cumprimento dessas normas, que são assimiladas como, citado por La Taille (2006), “hábitos de conduta” (p.97).

Quando a criança começa a entender sobre a diferença daquilo que ela deve ou não fazer, assim como aquilo que é bom ou mal, o que ocorre por volta dos quatro anos, ela passa da anomia para a heteronomia. Contudo, a interpretação da regra ocorre de forma literal e as suas ações são realizadas privilegiando a consequência, a legitimação da regra é dada pela autoridade. Aqui está presente a obediência da autoridade e o respeito unilateral.

É com oito ou nove anos que a criança começa a apresentar sinais de autonomia com um equacionamento a partir de seus próprios princípios e valores descartando a obediência. La Taille (2006) apresenta a criança moralmente autônoma como aquela que trata as pessoas sem privilégios ou despezos, a igualdade e a justiça se apresentam então como fontes de legitimação da moral. Esse processo de desenvolvimento ocorre pela interação com o meio e por atividades de cooperação entre os indivíduos. Tal legitimação é observada em crianças por volta dos doze anos.

Já foi falado que esse desenvolvimento ocorre por saltos de interação do sujeito para com o meio, de forma que, o raciocínio consegue legitimar as regras bem como equacionar os problemas de maneira diferente em cada um dos estágios, no entanto, é defendido que nem todas as pessoas alcançam a autonomia completa, ou a orientação para os princípios éticos universais, como o último estágio da teoria apresentada por Kohlberg (1981).

Cabe lembrar aqui que as teorias com base na razão não conseguem explicar todo o campo da moralidade, falta-lhe ainda a motivação explicada pela noção de afetividade, no entanto, a racionalidade permite o juízo moral e seu desenvolvimento

também está ligado à amplitude das ações morais, nesse sentido, pode-se relacionar cada um dos níveis definidos por Kohlberg (1981) com uma amplitude de ação diferente.

O juízo para o nível pré-convencional se limita às consequências e aos interesses do “eu”. No nível convencional, o juízo se limitará à necessidade de uma boa avaliação de si próprio pelos próximos e ainda para a manutenção da sociedade. No terceiro nível, pós-convencional, entende-se que o juízo inclui as ações morais que hão de garantir os direitos individuais e o entendimento de diferentes valores morais. Por fim, o juízo moral, do último estágio, se prende ao princípio ético universal.

A partir dos escritos de Kohlberg (1971) podemos elaborar a Tabela 1: Resumo dos estágios do desenvolvimento moral.

Tabela 1: Resumo dos estágios do desenvolvimento moral

Níveis	Estágios: Orientações	Características
Pré- Convencional	Punição e obediência	As consequências de determinada ação determinam se elas são boas ou ruins.
	Instrumental- relativista	As ações procuram satisfazer necessidades próprias e as relações entre as pessoas são vistas como uma troca apresenta reciprocidade e igualdade próxima a pessoa.
Convencional	Concordância interpessoal “bom menino”	As expectativas do entorno da pessoa são valiosas por si só.
	Manutenção da sociedade	Existe ordem e autoridade como forma de manter a sociedade.
Pós- Convencional	Contrato social	Existem valores e direitos individuais e consciência de que outras pessoas possuem outros valores e opiniões, de forma que as pessoas concordam ou respeitam a moral uma das outras.
	Princípio ético universal	Existe uma consciência individual que vai ao encontro de princípios éticos universais como justiça, reciprocidade, igualdade e respeito.

Fonte: informações de Kohlberg (1981)

Outros autores, como a própria Gilligan (1982), têm outras abordagens quanto ao desenvolvimento moral. E autores como Lima (2004) e Biaggio (1999) constroem uma retrospectiva dessa discussão e debatem sobre os temas similares como aquele do relativismo e do universalismo.

2.1.6 O querer fazer moral: a dimensão afetiva

Se se consegue explicar como a razão é importante para o desenvolvimento moral e para a formação ética, ainda se falta falar como a afetividade auxilia no querer fazer moral, o que influência diretamente no sentimento de obrigatoriedade da moral.

2.1.6.1 Despertar do senso moral

O entendimento de como nossa afetividade tem influência no desenvolvimento moral é de extrema importância para entender a contextualização da sociedade contemporânea, e pode-se entender como a sociedade atual pode ter sido influenciada pela falta de cuidado com esses sentimentos na infância.

A ideia central de La Taille (2006), no que tange a afetividade, é que determinados sentimentos na infância auxiliam no despertar do senso moral e, portanto, cada um dos sentimentos elencados pelo autor está associado a uma virtude importante da moral. A afetividade também se torna importante para a vida adulta, pois um indivíduo pode ter um raciocínio moral, entender a sensibilidade, o equacionamento e o conhecimento, no entanto, de nada vale isso se não sentir o dever moral, se a afetividade não for uma força motriz para realmente agir moralmente.

Os sentimentos apresentados por La Taille (2006) são: medo e amor, confiança, simpatia, indignação e culpa. É importante frisar que esses sentimentos não agem somente em seu aspecto da moralidade mais aparente, eles são sentidos em conjunto uns com os outros e são os processos de interação da pessoa com seu meio. No caso da criança, com o modo de lidar dos adultos com esses momentos que trarão um melhor ou pior desenvolvimento moral para o indivíduo.

2.1.6.1.1 Medo e amor

Como visto, Piaget (1932) e Kohlberg (1971) definem a heteronomia como uma fase do desenvolvimento moral, e como os estágios são sequenciais, não se salta diretamente da anomia para autonomia. Partindo dessa ideia principal, em algum ponto da infância, devemos ser heterônomo sendo as autoridades importantes para auxiliar no conhecimento das regras, dos princípios e dos valores, é por meio do medo e do amor que a criança respeitará seus pais, seus professores e as figuras que balizarão seu desenvolvimento moral.

Esses dois sentimentos, em conjunto, fazem parte do desenvolvimento da legitimação da autoridade na fase de heteronomia, e com isso ela também resulta no aparecimento do sentimento de obrigatoriedade em seguir as regras. La Taille (2006) expõe que “A criança pequena respeita seus pais ou demais pessoas para ela significativas porque lhes inspiram, ao mesmo tempo, medo e amor” (p.109).

O medo é inspirado tanto pelo medo de perder o amor dos pais como também pela necessidade de proteção. Dessa forma, a criança, por ser pequena, tem a necessidade de ser protegida pelos adultos e tem medo de não estar protegida o que mantém sua relação com o adulto.

O amor, por outro lado, é o apego e a admiração pelos pais e pelas outras pessoas significativas. O amor é uma qualidade unilateral e representa uma primeira forma de respeito, vale ressaltar que é a união entre o amor e o medo que permite aos pais inspirarem respeito nas crianças.

Apesar de Piaget (1932) ter citado somente esses dois sentimentos explicando o respeito unilateral, percebe-se que a vida moral da criança não se resume somente a essa relação com a autoridade e, por isso, outras fontes de afetividade devem comparecer em sua vida. São esses outros sentimentos que explicarão outros elementos da vida infantil como a generosidade, o senso de justiça e o respeito pelas promessas (LA TAILLE, 2006).

2.1.6.1.2 Confiança

Ainda na questão do despertar do “senso moral”, não basta legitimar as autoridades por amor e medo, uma das questões importantes para o desenvolvimento infantil é a confiança. Este sentimento, para a moral, é colocado com o sentido de depositar confiança, e só se faz isso se a pessoa merece confiança, tal merecimento é dado por uma análise moral do indivíduo no qual se deposita tal investimento afetivo (LA TAILLE, 2006).

“Para depositarmos confiança em alguém, além de fazermos hipóteses a respeito da qualidade de suas ações, também fazemos hipótese sobre suas qualidades enquanto pessoa moral. Em suma, a confiança implica a dimensão moral.” (LA TAILLE, 2006, p.111).

A falta de confiança, para a criança, pode fazer com que ela retire a legitimização da autoridade na qual ela deposita amor e medo. Com isso as regras e princípios ensinados por essas autoridades passam a perder força e o desenvolvimento moral na própria heteronomia fica comprometido. Na autonomia, por outro lado, o merecer a confiança de outro se torna importante, indo ao encontro do respeito aos seus valores e princípios, sua honra.

2.1.6.1.3 Simpatia

A simpatia, neste caso, se aproxima da sensibilidade para com outra pessoa, similar a empatia. Essa dimensão afetiva se torna um sentimento quando tem-se a sensibilidade de ser afetado pelos sentimentos das outras pessoas, como exemplo a própria compaixão definida por La Taille (2006) como “sensibilizar-se pela dor alheia” (p.115).

A compaixão é um exemplo claro de como esse sentimento auxilia no despertar do senso moral, ora, se se sensibilizar pela dor alheia torna capaz de realizar ações generosas, assim a simpatia auxilia no despertar. La Taille (2006) ainda cita que a criança desde cedo é capaz de sentir compaixão e pensar em generosidade, sendo isso um primeiro contato com a autonomia.

2.1.6.1.4 Indignação

A indignação é um sentimento forte que surge de um juízo negativo de ordem moral, em geral a causa da indignação é a consideração de direitos que foram desrespeitados e quando se fala em direitos, se está falando de justiça. Um exemplo de indignação para a criança seria a reivindicação de algo que lhes era de direito, mas não foi dado, como uma promessa que não foi cumprida. Vê-se assim, que a indignação, no despertar do senso moral, está relacionada ao entendimento de justiça (LA TAILLE, 2006).

Claramente essa indignação deve ser tratada com cuidado, a criança pode fazer reinvindicações que aos seus olhos sejam pautadas na injustiça, mas, que na verdade, não são, ou enxergá-la em relações, realmente, de desigualdade. Cabe às figuras de autoridade ensinarem, nos dois casos, a justiça, a igualdade e a equidade.

2.1.6.1.5 Culpa

A culpa, segundo La Taille (2006, p.129), é “o sentimento penoso decorrente da consciência de se ter transgredido uma regra moral”, apesar dela aparentemente aparecer quando se realiza uma ação imoral, ela traz consigo a capacidade do agente em legitimar a moral bem como querer reparar seu ato. Além disso, uma pessoa capaz de sentir culpa também possui a consciência de que sentirá culpa se realizar determinada ação imoral e isso o impede de agir, funcionando, então, como um freio moral que impede a ação imoral.

Temos no sentimento de culpa uma função de criar o querer agir moralmente, em outras palavras, a própria obrigatoriedade da moral.

2.1.6.2 Personalidade ética

Entendeu-se até aqui como alguns sentimentos participam do despertar e do querer agir moralmente, no entanto, falta explicitar como uma pessoa pode ter uma personalidade ética. Fala-se que a ética necessita de elementos que permitam a “vida boa”, o sucesso, alvo deste estudo não pode ser a qualquer preço, ele deve vir com um desenvolvimento moral que estabelece as virtudes, justiça, generosidade e dignidade e o autorrespeito para que só seja possível a “vida boa” do plano ético mediante à inclusão do plano moral, ou seja, a ética só é possível quando se honra tais valores.

Outro sentimento, apresentado por La Taille (2006), que auxilia nessa empreitada de ter uma vida boa somente se a moral for respeitada é a vergonha. Diferentemente da culpa, a vergonha é sentida por aquilo que se é. Claramente, pode-se sentir vergonha por coisas amorais, como a beleza ou a estética, mas ela também pode vir de uma questão moral, como não ser honesto, não ser justo. Nestes casos, diante da vergonha moral, o indivíduo passa a buscar um caminho melhor.

“A incapacidade de sentir vergonha moral é típica das pessoas que agem contra a moral. Logo, a capacidade de sentir vergonha moral é condição necessária a esse “querer fazer” que é o dever moral.” (LA TAILLE, 2006).

2.1.7 Resumindo e conceituando

A ética é a resposta à pergunta “Que elemento psicológico estaria necessariamente contemplado para que se possa de fato viver bem?”. Acrescentando a ela o elemento da moralidade, pode-se pensar ainda, com Paul Ricoeur (1990 apud LA

TAILLE, 2006), “uma vida boa, para e com outrem, em instituições justas”, uma visão útil ao nosso estudo por entender a sensibilidade que um administrador (e qualquer pessoa) deve ter para com outrem e para com as suas instituições (universidade, empresa, escola etc.).

A moral, por sua vez, segundo La Taille (2006), responde a pergunta “como devo agir?”, incluindo nela o sentimento de obrigatoriedade e os próprios valores, princípios e regras do convívio humano. A dimensão intelectual da moral pressupõe três valores elencados pelo autor como seu conteúdo: a justiça, a generosidade e a honra. Já a sua forma possui três aspectos de destaque: o conhecimento, o equacionamento e a sensibilidade. Sem nos esquecer do próprio desenvolvimento moral proposto por Piaget (1932) e estendido por Kohlberg (1971).

As dimensões afetivas da moral podem ser traduzidas pelos sentimentos que nos movem a realizar ações morais, respeitando nossos valores e princípios. Na criança tais sentimentos são fundamentais para o despertar do senso moral e cada um deles se relaciona mais intimamente, mas não limitado, a um dos aspectos da moralidade. O amor e o medo em conjunto com a confiança legitimam as figuras de autoridade em fase de heteronomia e reforçam o sentimento de obrigatoriedade; a simpatia auxilia na abstração e reconhecimento de valor no outro, despertando a generosidade; a indignação por sua própria definição, se remete a justiça e, por fim, a culpa reafirma a obrigação moral e o próprio autorrespeito (LA TAILLE, 2006).

Voltando ao aspecto da personalidade ética, ou seja, uma pessoa que contempla a moral e busca elementos psicológicos para ter uma “vida boa”, também sente a vergonha moral e ela tem um papel central na formação dessa personalidade. Seja antes ou depois do ato considerado imoral, a vergonha auxilia como freio ou aprendizado sobre as questões morais.

Aqui se encerra a conceituação teórica de base psicológica do trabalho, tendo em vista o “Livro Moral e Ética: Dimensões intelectuais e afetivas” de Yves de La Taille (2006).

2.2 Contextualização da sociedade contemporânea

Para entender a reflexão moral e ética dentro do curso de administração não basta uma conceituação psicológica destes termos, é necessário entender a contextualização da sociedade contemporânea. Quais são os valores atuais? No que se acredita e se passa a desacreditar? Qual a concepção de ética e de moral que a cultura humana atual possui?

Para responder essas indagações passa-se a uma reflexão filosófica sobre a sociedade atual. Destacando as diferenças entre a modernidade e a pós-modernidade, tem-se como base para essa reflexão o Livro “A sociedade Pós-moralista o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos” de Gilles Lipovetsky (2005).

2.2.1 A Sociedade pós-moralista

Começando por se indagar a questão da ética ser um conceito muito tratado atualmente, Lipovetsky (2005) já anuncia o laxismo do dever na presente época, vale ressaltar aqui a definição de sociedade pós-moralista:

“Sociedade pós-moralista: assim entendemos uma sociedade que repudia a retórica do dever rígido, integral e estrito e, paralelamente, consagra os direitos individuais à autonomia, às aspirações de ordem pessoal, à felicidade... É uma sociedade que, em suas camadas mais profundas, deixou de estar baseada nas exortações ao cumprimento integral dos preceitos, e que só procura acreditar nas normas indolores da existência ética.” (p.XXX ‘30’).

O autor ainda explica que, nesses tempos, a ética indolor não implicaria em uma abstenção de si, em um sacrifício, pois, à frente de tudo estaria a felicidade individual. As normas jurídicas passaram a ser ponto de referência central para a ética e inúmeras são as instituições que se aproveitam, não só delas, mas de seus próprios códigos de conduta para melhorar seu nome, sem, no entanto, realizar efetivamente algo de bom.

Lipovetsky (2005) também afirma, ressaltando a importância da educação para o resgate moral e ético:

“Nenhuma outra solução restrita a longo prazo senão a educação humana, o incremento e a difusão dos conhecimentos, a ampliação das responsabilidades individuais, o percurso da inteligência científica e técnica, política e empresarial.” (p.XXXVI).

Com a definição de sociedade pós-moralista e, destacada a importância da educação, pode-se concluir, junto aos vários exemplos que o autor dá, que se vive em

um tempo de omissão das responsabilidades morais. E que a valorização do outro e das responsabilidades para com o coletivo, imputada na sociedade medieval pela religião e destacada na modernidade, já não tem grande voz na contemporaneidade. Lipovestky (2005) dá destaque a diversos pontos de mudança na concepção humana sobre a autonomia individual. A sociedade pós-moralista trouxe uma autonomia para a escolha da família, para as discussões de gênero, para a busca da felicidade individual, no entanto, a influência da mídia, a exaltação do espetáculo e a necessidade do direito nas ações de renúncia de si não passam despercebidas.

2.2.2 A ética e a moral nos dias atuais

Claramente a busca da felicidade individual tem sido ponto central nas vidas humanas, contudo a preocupação com o outro e a inclusão da moral é um ponto falho nos dias atuais. Comenta-se que a generosidade é uma das virtudes conteúdo da moral, hoje em dia, Lipovetsky (2005) vai descrevê-la como uma forma de se preocupar com a ética, no entanto, somente quando não se prejudica o benfeitor. Dessa forma, toda generosidade seria pautada em um individualismo ou em uma ética indolor, sempre acompanhada de um espetáculo ou de um benefício próprio, nunca um sacrifício. Claramente seu conceito de ética difere do de La Taille (2006), no entanto, pode-se entender ética indolor como o ato generoso que não cause danos a si mesmo. Esse será o tipo de generosidade mais encontrada nos dias atuais.

La Taille (2009) ressalta que se está em uma cultura do tédio, na qual os indivíduos, consumistas e em busca de realização pessoal, vivem de fragmentos temporais, efêmeros em um contexto de infelicidade. Prova disso é o aumento do número de casos de suicídio e depressão. Para o autor, falta à sociedade atual direção e significado e, por isso, ele propõe uma busca pela cultura do sentido, tendo a educação como ponto central, a verdade como virtude e os valores: boa-fé, memória, exatidão, paciência, simplicidade e humildade como objetivos. Para o autor falta na sociedade contemporânea, do ponto de vista ético, interesse, principalmente dos jovens, pela sua própria felicidade e também pela dos outros.

A moral, por sua vez, atravessa um crepúsculo, se na modernidade os deveres morais eram extremamente valorizados, hoje, “Só acatamos o valor dos *deveres suaves*

em concomitância com o predomínio do direito individualista de viver sua própria vida alheio aos demais” (LIPOVETSKY, 2005, p.181). No trabalho, na família, na política, no Estado e em todos os outros espaços, o individualismo passou a ser o valor que inspira as decisões humanas. A competitividade empresarial acirra as lutas entre pessoas em busca do sucesso, na família a decisão de ter um filho e o sucesso do filho estão conectadas com o desejo individual de criar o filho e não mais de renúncia de si em prol do mesmo. Até mesmo as instituições de caridade e os atos benficiares passaram a necessitar de um espetáculo ou uma contrapartida para serem realizados.

Da mesma forma, La Taille (2009) entende, do ponto de vista moral, que se tem a cultura da vaidade, mesmo que exista uma maior liberdade individual de escolha, a sociedade ainda espera ou valoriza determinados comportamentos, como ser saudável, ter sucesso, ser o melhor, vencer na vida e isso criou uma cultura da vaidade. O juízo do outro e sua aprovação passam a ter importância e a heteronomia passa a estar em voga em questões mais estéticas e individualistas do que propriamente morais.

“Por essa razão falei em heteronomia: o vaidoso quer, pelas marcas de sua visibilidade, culminar aqueles que o olham, mas na verdade sua vida depende desses olhares. A invisibilidade é seu martírio.” (La Taille, 2009, p. 176).

Lipovetsky (2005) e La Taille (2009) falam em superficialidade e vazio, no crepúsculo do dever, na influência da mídia e em uma necessidade cada vez maior de regras e controles do direito, para que se façam cumprir os deveres morais e cívicos.

La Taille (2009), também lembrando da educação, pensa em uma cultura do respeito de si, na qual a escola tem responsabilidade de educação moral, ainda que na falta desta por parte da família, ele faz uma reflexão sobre as formas que essa educação deveria ter, entre elas e própria transversalidade.

“Sabe-se que uma das recorrentes críticas à educação escolar (e também universitária) reside no fato de, por um lado, o currículo ser dividido em variadas disciplinas – o que é correto e até inevitável – e, por outro, de não serem mostradas aos alunos as relações mútuas que a maioria das disciplinas tem entre si – o que é errado” (La Taille, 2009, p.252).

A ética e a moral são exemplos desses temas transversais, permeando o uso de todas as ferramentas e conhecimentos aprendidos no âmbito escolar, seja no nível fundamental, médio ou superior. A educação moral envolve não só os valores e

princípios, mas também um sentimento de querer fazer moral, uma educação sentimental e o entendimento, muitas vezes reflexivo, das próprias virtudes morais.

Thiry-Cherques (2008) vai afirmar que o estudo da ética de uma perspectiva filosófica tem muito a contribuir para a responsabilidade social das empresas no mundo atual. O autor cita o motivo desse estudo ser parte da formação dos administradores.

“O conhecimento da ética tem uso prático imediato nas atividades profissionais e gerenciais para fundamentar as decisões que envolvem julgamentos sobre o destino de pessoas e grupos. Além disso, a filosofia moral é um recurso no planejamento e na condução da vida profissional.” (THIRY-CHERQUES, 2008, p.29).

A moral e a ética aqui não podem ser consideradas de todo perdidas. Nem La Taille (2009) nem Lipovetsky (2005) consideram a situação atual com um pessimismo sem salvação. Existem discussões sobre ética nos mais variados campos da sociedade. As ações de assistência social, a preocupação com o meio ambiente, e as políticas, inclusive empresariais, continuam sendo exemplos da existência de uma preocupação ética e de ações morais. Claramente os motivos dessas ações podem não ser mais a exaltação de virtudes anteriormente valorizadas, contudo, a moral e a ética existem e a conciliação entre as aspirações pessoais e as necessidades do coletivo é que deve ser o objetivo.

2.2.3 O Sucesso

Em uma sociedade em que a ética ocorre de forma indolor e que a moral atravessa um crepúsculo, deve-se encontrar o conceito de sucesso para a pós-modernidade. Os vencedores no mundo de hoje parecem ser aqueles que se destacam, aqueles que têm características que os tornam visíveis aos olhos de todos, e não mais aqueles que têm o básico, como um trabalho e uma inclusão social, sem nenhuma perspectiva de ascensão.

Lipovetsky (2005) afirma que a sociedade contemporânea não possui um conjunto de normas hierarquizadas que balizam a atuação humana, como ocorria na modernidade, assim, a flexibilidade da moral permite uma busca pelo sucesso próprio,

baseando-se sempre nas aspirações pessoais. Tal característica causa um embate para com o conceito de ética proposto por La Taille (2006) que envolve os aspectos pessoais, contudo, deve se ater à moral e ao respeito pelo outro.

La Taille (2009) vai além e aponta que, na cultura da vaidade e do tédio, a meritocracia, por ele chamada de “exitocracia”, tem lugar de destaque. A ideia principal é que hoje em dia importa o resultado ao qual se chegou, pois o sucesso é definido pelo que a pessoa conquistou, pouco importando se, para alcançar esse sucesso, ela trapaceou ou teve sorte. Toda a educação moral e a construção do autor sobre a cultura do sentido e a cultura do respeito de si voltam-se para o combate a esse tipo de visão de sucesso de forma que as conquistas tenham mérito, conceito agora entendido como valor dado a si mesmo pelas conquistas, resultadas de um esforço merecedor de tal reconhecimento. Um indivíduo com personalidade ética só daria valor às suas conquistas, ou seja, só se consideraria com sucesso se merecesse ou voltando a definição de ética, tivesse elementos psicológicos para, de fato, ter uma “vida boa”.

Aqui se pode definir dois tipos de sucesso, o sucesso amoral, aquele que não diz respeito às questões morais, por exemplo, decidir qual profissão seguir, se quer ou não ter família etc. E um outro, que é o sucesso imoral, aquele que coloca metas pessoais e profissionais que não refletem a necessidade de ser moral ou as consequências que o próprio sucesso pode trazer para outras pessoas e para si mesmo.

Claramente o sucesso amoral é uma questão subjetiva e necessária a todos, no entanto, é a construção da personalidade ética, influenciada pelos fatores intelectuais e afetivos, já abordados neste trabalho, que permite a busca de um projeto de vida com mérito, ou seja, com elementos morais que validem o projeto de vida ético e a reflexão sobre as consequências do sucesso imoral. Essa discussão também retoma as definições de honra e autorrespeito abordadas no referencial.

Se na esfera pessoal o individualismo prevalece na busca pelo sucesso, não seria diferente nas instituições. A ética nos negócios, conceito muito citado na sociedade contemporânea, está presente não só nas empresas, mas também como disciplinas optativas e muitas vezes obrigatórias nas escolas de administração.

Claramente a discussão de ética nos negócios, que teve início colocando a responsabilidade social que as empresas têm para com o coletivo, é importante. Lipovetsky (2005) acrescenta a existência de um embate: se por um lado existe certa relevância na discussão sobre *business étics*, principalmente em um mundo dos negócios onde o lucro e a competitividade reinam, por outro, será que essa discussão não é só mais um espetáculo da época pós-moderna, mas um fator midiático e não uma reflexão filosófica em si? Nas palavras do autor: “A *business ethics* será uma excentricidade em oferta nas empresas bem-sucedidas ou um imperativo da empresa liberal que atingiu a maioridade?” (p.224).

Os códigos de ética e de conduta colocados nas empresas, claramente retomam os imperativos de outrora, mas sua função não é mais obrigar e sim criar uma cultura empresarial, melhorar o ambiente de trabalho e muitas vezes ser um elemento utilizado como propaganda empresarial. A *business ethics*, nesse sentido, acaba sendo um fator estratégico e de marketing empresarial.

Drover, Franczak, e Beltramini (2012) realizaram um exame histórico do conceito de ética dentro dos negócios por meio de uma revisão de literatura em busca de artigos que tratam o assunto entre as décadas de 1980, 1990 e 2000. Nos anos 80 a discussão se voltava à possibilidade de melhorar a ética nos negócios, essa ideia se transformou, até 2011, em uma discussão de como os padrões éticos impactam na posição financeira. O resultado da pesquisa mostra que as transformações nas discussões sobre ética nos negócios têm levado em consideração interesses pessoais e uma ética instrumental. Os autores citam que a preocupação econômica, principalmente em momentos de crise, coloca a ética em segundo plano dentro dos negócios. O que mostra que a ética pode ser vista como um empecilho quanto ao sucesso das empresas nos dias atuais, de forma que o desenvolvimento da ética nos negócios não se deu em direção ao conceito filosófico de ética.

La Taille (2009) propõe uma educação em busca da cultura do sentido e do respeito de si em resposta à cultura do tédio e da vaidade presentes nos dias de hoje. Uma educação primária, familiar e até mesmo universitária que, por meio de reflexões, acrescente nessa nova autonomia individual concepções de responsabilidade para o coletivo, vale ressaltar que essa busca, de forma alguma, representa uma tentativa de

retomada aos imperativos morais de outrora. Lipovetsky (2005) coloca na educação a função de dar um desfecho positivo para esse crepúsculo do dever.

“A importância social dos direitos das pessoas é uma das razões principais que justificam a introdução do ensino ético nas escolas de comércio⁷. A partir do momento em que as formas de humilhação suscitam fortes reações hostis, surge a necessidade de os futuros gerenciadores se aparelharem para tomar decisões no delicado campo das relações humanas. ” (LIPOVETSKY, 2005, p.257).

É esse respeito ao indivíduo que o administrador deve aprender porque é ele, além das empresas cidadãs, que deve ser o foco e o objetivo das empresas no futuro.

Antes de partir para uma descrição do curso objeto desse estudo é importante ressaltar a visão de Thiry-Cherques (2008), já mencionada anteriormente. Em sua obra “Ética para executivos”, o autor retoma as correntes éticas e morais de diversos autores das ciências humanas, temas já ressaltados nesta revisão de literatura, e em sequência, ele faz uma discussão sobre como essas correntes podem auxiliar na perspectiva ética das empresas.

Dentre as ideias expostas por Thiry-Cherques (2008) tem-se uma primeira que é a responsabilização das pessoas. Claramente as empresas possuem sim uma personalidade, no entanto, ela é chamada de jurídica e pode ser considerada artificial ao se apontar que ela não possui uma consciência, dessa forma, apesar de as organizações possuírem deveres, inclusive legais, a sua responsabilidade moral deve levar em consideração os tomadores de decisão e não a organização como um todo.

Essa questão também fica clara ao entender que a responsabilidade moral e a própria ética encontram sua penalidade na própria consciência e não necessariamente em uma norma jurídica. O autor ainda lembra que essa responsabilidade moral foi despertada nos dirigentes e investidores por conta de uma percepção de degradação do sistema econômico, que passou a ficar fora de controle, bem como no aumento do conhecimento da população em geral que começou a responsabilizá-los pelos problemas relacionados à produção econômica (THIRY-CHERQUES, 2008).

⁷ Na França as Faculdades e Universidades com ensino de graduação em administração são chamadas de escolas de comércio.

Além dessas questões, Thiry-Cherques (2008) também vai reconhecer que as empresas têm buscado cumprir com sua responsabilidade social por conta da sua imagem e não pela sua consciência ou punição:

“Claro está que não é a consciência, que não possuem, nem o medo de punições legais, de que se podem defender, que têm levado as organizações a se preocupar com a responsabilidade social. Os principais fatores que as animam são a busca de uma imagem comercialmente conveniente, a procura de vantagens competitivas em um ambiente de concorrência incivil e os reclamos decorrentes dos danos sociais provocados por suas atividades.” (THIRY-CHERQUES, 2008, p.188).

O autor também indica que as principais preocupações sobre suas responsabilidades morais sociais recai sobre valores vitais (poluição, alimentação, abrigo e socorro), valores humanísticos (dignidade, liberdade e valores culturais) e valores utilitários (agravos à capacidade de geração e distribuição de riqueza). Apesar das organizações resistirem à inclusão de itens, ou encargos, morais sobre sua responsabilidade, também pode-se pensar perante a quem a empresa se responsabiliza. Segundo o autor, existe uma responsabilidade natural para com a comunidade em geral, a sociedade, e as futuras gerações e outra contratual que recai sobre os contatos da empresa (empregados, autoridades, acionistas, fornecedores, etc.) (THIRY-CHERQUES, 2008).

Colocadas essas ideias do autor, termina-se essa exposição lembrando que as responsabilidades mencionadas não deveriam ser atendidas pela mera oportunidade de melhoria da imagem das empresas ou de sua competitividade. Da mesma forma, elas não podem ser compensatórias, visto que realizada uma ação imoral, seja ela sem culpa (em que cabe a busca pelo reparo) ou com culpa (em que cabe a penalização), não existe a possibilidade de uma compensação. Por exemplo, se uma empresa polui um rio, com ou sem intenção, a doação aos hospitais, ou a simples geração de empregos não serve de forma compensatória a sua responsabilidade social (THIRY-CHERQUES, 2008).

Por fim, também se destaca que tais responsabilidades não podem ser escondidas na personalidade jurídica de uma organização, nem na alegação de ignorância sobre os fatos. Dessa forma, as responsabilidades morais sociais devem recair sobre os indivíduos, sejam eles, acionistas, diretores, gerentes, empregados e claro os administradores e tomadores de decisão (THIRY-CHERQUES, 2008).

2.3 O estudo da graduação em Administração da Esalq/USP

A ética, segundo La Taille (2006), responde a pergunta “que vida quero viver?”, mas não desconsidera que precisamos de elementos psicológicos para que ela seja de fato uma “vida boa”, ou seja, ela não desconsidera a moral, resposta à pergunta “como devo agir?”. A sociedade pós-moralista ou pós-moderna, está marcada justamente pela falta de regras imperativas, por um individualismo e uma expansão de si que muitas vezes coloca o próprio interesse em detrimento do interesse coletivo. Tal concepção afetou também as empresas que não falam em moral, mas sim, em ética empresarial, uma estratégia, muitas vezes, corporativa e de marketing que auxilia na construção da cultura e da imagem da empresa.

Se os códigos de ética são caracterizados por um conjunto de regras que falam em responsabilidade social, mas não trazem as reflexões pessoais necessárias para o aparecimento de elementos psicológicos necessários a vida ética, é na educação que a moral e a ética tem encontrado espaço para ensinar a responsabilidade social que cada indivíduo possui para com o coletivo. No âmbito empresarial, os administradores são pontos chaves nessa discussão, com isso torna-se relevante entender como é a reflexão moral e ética na graduação em administração e suas influências para o profissional egresso do curso.

Um dos conceitos que aborda esse tema é a fábrica de administradores, ideia que, segundo Nicolini (2003), descreve a graduação em administração em uma fábrica de bacharéis onde entra a matéria prima (aluno), faz se o processo (currículo segundo as diretrizes nacionais) e sai dele o produto (administradores). Esse conceito não só desumaniza o aluno como também reforça a falta de reflexão crítica e personalidade nos cursos de graduação em administração.

“O ensino de Administração terminou parecido com uma fábrica. Cada professor entra em sala para lecionar sua disciplina, de forma estanque, dissociada das outras existentes. Tal como um operário, ministra a matéria como se montasse no conjunto (o aluno) a peça de sua responsabilidade. Peça que nem sempre se encaixa, pois a fragmentação e o estudo cada vez mais aprofundado e isolado vão acabar dificultando, para o aluno, a visualização do todo administrativo.” (NICOLINI, 2003, p.50).

A ideia da fábrica de administradores mostra claramente que essa falta de integração entre as matérias do curso e de reflexão crítica dos alunos pode prejudicar o entendimento dos conceitos de moral e ética, necessários a um administrador,

principalmente referindo-se a sua formulação de projeto de vida e inclusão, sobre sua responsabilidade, da vida do outro a quem ele afeta na sua atividade diária.

Seleciona-se o curso de graduação em administração da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo. Teve seu início no ano de 2013, com duração de quatro anos, oferecendo 40 vagas por ano, com alunos selecionados pelo vestibular da Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), proporcionando um curso gratuito de bacharelado em administração para os ingressantes.

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter descritivo, que segundo Gil (2008), discorre sobre as características do tema, seja ele uma pessoa ou fenômeno. As pesquisas descritivas irão captar percepções, características, níveis de conhecimento e até índices, sendo exemplificadas pelo estudo das características de um determinado grupo. Nesse sentido tem-se o estudo do curso de graduação em administração da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Para esse estudo delimitam-se três fontes de dados: o Projeto Político-Pedagógico (PPP) do Curso, a percepção dos alunos sobre o sucesso profissional e a visão dos próprios professores sobre essa reflexão na graduação.

Nas três fontes de dados tem-se uma abordagem qualitativa, visto que a análise de percepção dos participantes não requer uma análise estatística de uma perspectiva quantitativa, contudo ela deve se valer de uma análise de profundidade, seja na análise documental ou nas respostas dos alunos e professores. Segundo Cooper e Schindler (2001), a pesquisa qualitativa abrange um menor número de pessoas, porém é capaz de captar a fundo as percepções dos indivíduos sobre determinado assunto. A coleta de dados, no caso dos alunos e professores, é feita por meio de um questionário semiaberto e de uma entrevista, respectivamente. Já sua análise ocorre pelo agrupamento das percepções dos respondentes, apontando as semelhanças e diferenças entre eles, dando destaque aos pontos mais relevantes ao objetivo da pesquisa.

De forma concreta, o trabalho consiste primeiramente em uma extensiva revisão bibliográfica se valendo principalmente das obras de La Taille (2006, 2009) e Lipovetsky (2005). Feito isso, faz-se um tipo de análise para cada uma das fontes de dados. Uma pesquisa documental com o (PPP), um questionário semiaberto com os alunos do curso e uma entrevista com os professores. Segue um quadro resumo das fontes de dados e das respectivas metodologias utilizadas.

Tabela 2: Resumo das fontes e métodos de análise

	Projeto político-pedagógico	Alunos de Graduação em administração	Professores do curso de Administração
Amostra	Um documento	14 alunos	7 professores
Instrumento	O próprio documento	Questionário semiaberto	Entrevista
Tipo de análise	Documental	Por bloco de questões e agrupamento	Agrupamento das percepções (ATLAS T.I.)

3.1 Metodologia da análise documental

A análise do documento se baseia inteiramente no Projeto Político-Pedagógico. Busca-se na leitura desse documento a intenção que a universidade tem de tratar o tema sucesso profissional, suas consequências e a reflexão moral e ética do discente. Dessa forma pode-se destacar ainda como o curso trata esse tema e pretende trazer essa reflexão para os alunos.

3.2 Metodologia de análise do discurso discente

O questionário semiaberto foi aplicado a 14 alunos de graduação no terceiro ano do curso. A opção do questionário semiaberto se deu por conta da necessidade de aplicação a um número relevante de alunos, contudo existe também a necessidade de profundidade quanto ao entendimento do tema visto a sua complexidade. As questões são reflexivas, portanto, demandam um tempo para sua resposta, dessa forma, elas foram entregues impressas junto a uma folha almaço para as respostas. Na entrega do questionário todas as questões foram explicadas e deu-se uma semana para que os respondentes entregassem suas respostas.

Essa opção se deu, pelo fato de Gil (2008) ter o questionário como um instrumento de pesquisa que viabiliza o alcance de um número maior de pessoas e de que as perguntas abertas, normalmente presentes em uma entrevista, permitem um maior aprofundamento em relação ao tema, nesse sentido o questionário semiaberto conterá perguntas abertas e descritivas.

O questionário se inicia com um cabeçalho para o preenchimento de dados de perfil, em sequência haviam treze questões a serem respondidas, classificadas em quatro grandes dimensões. A primeira dimensão aborda os projetos de vida do indivíduo,

indaga-se sobre a sua existência, seu prazo: curto (até um ano), médio (2 a 5 anos) e longo prazo (mais de 6 anos), se nele existe a preocupação com o outro e em que proximidade: nível imediato (família, grupos locais, comunidades, bairro), nível intermediário (cidade e região), nível intermediário avançado (cidade, estado, país), nível avançado (outros países e povos) e quais as influências na proposição ou organização desse projeto como pessoas ou espaços.

No segundo grupo de questões, volta-se a atenção para as reflexões que a universidade traz sobre o sucesso profissional. Pergunta-se qual é a definição de sucesso profissional dada pela instituição, se os alunos são incentivados a alcançá-lo e como, quais as orientações dadas pela universidade sobre esse tema e a frequência que a universidade se manifesta sobre o sucesso profissional: insuficiente, suficiente e intensa e expressiva.

Em sequência, trata-se da preocupação que a universidade demonstra com os prováveis ônus provindos do sucesso profissional. Esses ônus seriam as possíveis consequências negativas e positivas que o sucesso pode trazer para si ou para os outros próximos ou distantes. Dessa forma, pergunta-se quais as informações que a universidade apresenta sobre o ônus, qual o nível de proximidade que ela incide e a sua frequência.

Por fim, a última questão proporcionou aos respondentes uma abertura para que expressassem sua opinião sobre a necessidade desse tipo de reflexão no ambiente universitário. O questionário na íntegra pode ser visto no anexo 1. Vale ressaltar que a todos os alunos participantes foi pedida a leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para a participação na pesquisa, o qual pode ser conferido no anexo 2.

Com os questionários respondidos em folhas de almoço, eles foram transcritos em arquivos digitais, organizados de forma a criar um único arquivo com todos os participantes pergunta a pergunta, dessa forma a análise se deu de pergunta por pergunta considerando o conjunto de respostas como um todo e destacando a concepção do grupo sobre cada um dos pontos.

3.3 Metodologia de análise das respostas discurso docente

A percepção dos professores foi captada por meio de uma entrevista estruturada, realizada e gravada. A entrevista foi transcrita em arquivos digitais e analisada por agrupamento, buscando as diferenças e semelhanças entre as respostas dos docentes sobre cada questão.

A entrevista se inicia com dados de identificação quanto ao tempo de docência na instituição e as disciplinas ministradas, em sequência, separam-se três perguntas norteadoras do tema da discussão: a primeira se referindo a visão do papel do educador quanto a reflexão sobre o sucesso profissional e seu ônus; a segunda buscando a visão que o docente tem sobre o papel da universidade nessa discussão e, por fim, a terceira, a opinião do próprio professor sobre como essa discussão deveria ser realizada, incluindo os mecanismos possíveis para essa discussão, em um curso de graduação. A estruturação da entrevista na íntegra pode ser observada no anexo 3. Da mesma forma que os discentes, os docentes também receberam e assinaram um TCLE, que pode ser observado no Anexo 4.

Realizada e gravada a entrevista, ela foi transcrita em arquivos digitais e analisada por conjunto de temas de cada uma das perguntas com auxílio do software Atlas TI. O uso dessa ferramenta específica para análise de dados qualitativa facilita o grifo de excertos de interesse de cada um dos respondentes e ainda a comparação e o agrupamento entre a opinião dos diferentes entrevistados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados é dividida de acordo com cada uma das fontes de dados da pesquisa, posteriormente retoma-se a discussão em conjunto sobre a perspectiva dos docentes, dos discentes e do próprio PPP quanto reflexão sobre o sucesso e seu preço.

4.1 Análise documental do Projeto Político-Pedagógico

“Em síntese, o projeto político-pedagógico pode ser visto como um instrumento que objetiva auxiliar a escola a enfrentar os desafios presentes no cotidiano, de uma forma sistematizada, refletida e essencialmente participativa.” (SANT’ANA; GUZZO, 2016, p.195).

O projeto político-pedagógico é um documento necessário à criação do curso de bacharelado em administração da ESALQ/USP. De maneira geral, o documento trata de uma apresentação do campus e do curso em si e conta com a exposição dos objetivos do curso, o perfil de quem se forma nele, suas competências e habilidades e a estrutura curricular, adequando-a às diretrizes curriculares do Ministério da Educação (MEC). Entre as atividades apresentadas pelo projeto estão as disciplinas obrigatórias e optativas, o estágio supervisionado, os grupos de pesquisa e extensão, entre outras atividades de educação. Em sequência, são apresentadas as formas de ingresso no curso, suas informações de organização e funcionamento entre outros dados necessários ao documento. Pode-se analisar cada uma dessas partes e descrevê-la em busca da constatação de como a universidade e o documento, que rege o curso de bacharelado em administração, trata o sucesso do profissional do egresso do curso e as reflexões sobre suas consequências.

Após uma apresentação sobre a faculdade e sobre a infraestrutura do curso, além do próprio departamento de Economia e Administração e Sociologia, que abriga a totalidade de suas disciplinas, segue-se para o objetivo do curso de Administração. Claramente o curso se propõe a formar administradores sólidos tanto pelas disciplinas obrigatórias como pelas optativas.

“Permitirá ao seu formando desempenhar as funções esperadas do Administrador com responsabilidade social e respeito ao meio ambiente, além de adicionalmente poder atuar nos nichos supracitados, dependendo das disciplinas optativas cursadas,

sendo que o agronegócio representa cerca de ¼ do PIB brasileiro.” (PPP)

Além do destaque da própria função do administrador, o PPP também ressalta a possibilidade de atuação no agronegócio devido à especialização que a ESALQ possui. Dentro desse objetivo, tem-se o uso do conceito de responsabilidade social para caracterizar o administrador egresso, o que denota uma preocupação quanto à reflexão dos discentes sobre a responsabilidade que eles possuem para com a sociedade.

O documento apresenta uma descrição do perfil do aluno egresso do curso com as seguintes competências e habilidades:

“Reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente; expressar-se, comunicar-se e negociar efetivamente; compreender sua posição na sociedade e atuar criticamente; pensar de forma lógica e ordenada, sendo capaz de entender formulações matemáticas; ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade de aprender e manter-se atualizado; conhecer relações de causa e efeito.” (PPP)

Essas características são esperadas de um administrador formado e todas elas, como o próprio projeto cita, são contempladas em disciplinas. No quesito da reflexão sobre a ética profissional, pode-se dar destaque a “*compreender sua posição na sociedade e atuar criticamente*”, em outras palavras, o PPP coloca, como característica do estudante egresso, a compreensão de seu papel perante o outro. Ainda nesta seção são retomados os pontos senso crítico e socialmente responsável. Tal observação no documento leva a constatar uma clara preocupação da universidade com a capacidade de reflexão dos alunos e que este tema deve ser abordado ao longo do curso.

O documento apresenta, na sequência, uma lista das competências e habilidades do egresso do curso, entre as várias habilidades listadas em tópicos pode-se ressaltar que o curso tem a intenção de formar profissionais com “*reflexão crítica*” e “*consciência da qualidade e das implicações éticas de seu exercício profissional*”. Tais características, apresentadas pelo PPP, são fundamentais para a reflexão sobre o sucesso profissional e seu preço. Claramente elas não são as únicas necessárias ao administrador

e o próprio documento contempla as outras especificidades da profissão, mas é inegável que ele assimila que o egresso do curso deve ter ética profissional e reflexão crítica.

Após essa descrição do egresso, parte-se para uma questão operacional, a grade curricular. São apresentados os números de créditos e horas a serem cumpridos pelos alunos e, ainda, como ele se adapta às normas e regulamentos dos parâmetros nacionais de ensino. Entre as disciplinas, aquela ligada ao tema da ética chama-se ética e política⁸. Para fazê-la o aluno deve ter cumprido a disciplina introdução à filosofia para administração. A disciplina ética e política possui duas horas de aula por semana tendo uma carga horária total de 30 horas e constituído 2 créditos para cumprir o curso, seu período ideal de realização é o segundo semestre do curso. Essa é a única disciplina do curso que aborda o tema em seu nome, pode-se ter noção de seu conteúdo por meio do programa da disciplina que contém os seguintes objetivos:

*“1. Introduzir e trabalhar conceitos sobre ética, moral e valores. 2. Conhecer e compreender os fundamentos das principais doutrinas éticas da história da humanidade. 3. Desenvolver reflexões sobre ética, pós-modernidade e contemporaneidade. 4. Trabalhar estudos de caso e de ética aplicada no campo pessoal, profissional e empresarial. 5. Levar o aluno a perceber e identificar os fundamentos e princípios éticos que orientam as ações e tomadas de decisão. 6. A relação ética, política e instituições no Brasil e seus efeitos sobre os negócios.”***(Programa da disciplina de ética e política – LES0228)**

⁸ A disciplina foi oferecida pela primeira vez e estava em processo de construção. Ela foi ministrada para os alunos participantes da pesquisa, por um conjunto de docentes.

Claramente essa disciplina obrigatória é totalmente voltada para a discussão sobre a ética do administrador, o que mostra que, em pelo menos uma disciplina, os alunos podem refletir sobre o tema. O PPP ainda aponta que é possível buscar temas de interesse do aluno em disciplinas optativas e eletivas e no próprio estágio supervisionado. Essas atividades, em conjunto com os grupos de extensão existentes na universidade, são oportunidades para que alunos que queiram se aprofundar em qualquer área de interesse possam ter outras experiências, inclusive quanto à reflexão sobre o sucesso profissional e suas consequências.

O trabalho de conclusão de curso (TCC), também definido no PPP, é uma oportunidade de realizar discussões sobre o sucesso profissional, com o contato com o professor orientador. O TCC, assim como o estágio supervisionado, possibilita oportunidades de troca de experiência entre docente e discente. O documento passa para uma descrição das atividades complementares do curso, a qualificação do corpo docente, os critérios de ingresso e admissão (conclusão do ensino médio e exame vestibular da Fuvest), critérios de permanência e os requisitos para a colação de grau.

A gestão do curso é feita por um conselho de cinco professores e também pelo serviço de graduação da ESALQ/USP, e ainda a responsabilidade geral do curso é do diretor da ESALQ.

Descrito o conteúdo detalhado do Projeto Político-Pedagógico, pode-se afirmar que existe uma disciplina obrigatória que traz a reflexão moral e ética para os alunos, e oportunidades de escolha do aluno para a busca dessa discussão, a saber: grupos de extensão, trabalho de conclusão de curso e estágio supervisionado. Além dessas atividades oferecidas, percebe-se uma preocupação do documento em registrar que o aluno egresso tem as competências e habilidades de reflexão crítica e ética profissional. É importante mencionar que a análise apresentada aqui é textual, ou seja, é possível que a realidade se apresente com diferenças e semelhanças, por exemplo, apesar de existir somente uma disciplina com o tema ética em seu nome, as discussões das outras áreas da administração, ou seja, de outras disciplinas, também podem levar à reflexão sobre o sucesso profissional e suas consequências e até mesmo sobre moral e ética. Tais aspectos poderão ser observados no relato dos alunos e dos professores do curso.

4.2 Análise da pesquisa com os discentes

A análise do questionário semiaberto realizado com os discentes foi feita em quatro partes. Cada uma representa um dos grandes blocos de questões do questionário e a apresentação da análise considera as perspectivas apontadas pelos estudantes sobre cada tema. As citações dos catorze participantes corroboram com a apresentação dos resultados e cada uma é indicada pela letra P e por um número de identificação do aluno.

4.2.1 O projeto de vida, sua instância temporal e seu alcance na preocupação com o outro

Nesse primeiro grupo de questões, buscou-se identificar se os respondentes possuíam um projeto de vida norteado pela “vida boa” ou de qualidade, **se esse projeto apresentar preocupações com o outro, ou ainda, incorporar a moral ele poderia ser chamado de projeto ético.**

Quanto às considerações de projeto de vida, todos os respondentes possuem um projeto de vida, alguns mais definidos que outros.

“Sim, um projeto de vida não redigido no qual pretendo ser bem sucedida pessoal e profissionalmente, o qual muda com frequência.” (P13)

“Sim, tenho alguns planos para meu futuro, apesar de não ser algo rígido e definido e eu não ter a intenção de me prender a este planejamento, mas tenho ideia do que quero.” (P2)

Mesmo assim todos eles buscam uma “vida boa” ou de qualidade, no entanto, os indivíduos ressaltam um ponto específico de sua vida como sucesso, seja o âmbito profissional ou pessoal, que levaria a uma boa qualidade de vida.

“Planejo concluir a graduação no tempo ideal e conseguir um estágio em alguma empresa, de preferência antes de eu me formar, para iniciar logo minha carreira profissional. Quanto antes eu começar minha carreira, antes irei alcançar um bom cargo que irá garantir uma vida boa.” (P7)

Por fim, três indivíduos já descrevem, no projeto de vida, alguns objetivos pessoais e que levam a preocupação com o “outro”.

“Um projeto que envolve família, amigos, trabalho, entre outras coisas, que possam trazer pra mim uma vida de qualidade e satisfatória.” (P1)

“[...] tudo o que é em excesso ou em falta prejudica algo, temos que dar devida atenção para todas as áreas da vida e principalmente analisando e vivendo no amor entre as pessoas.” (P9)

Vê-se que os respondentes conseguem identificar um projeto de vida que vai ao encontro da “vida boa” ou de qualidade, muitos não apresentam metas concretas, mas escolhem um caminho como a vida profissional para alcançar seus objetivos pessoais, trilhando uma trajetória que tenta, ainda que na incerteza dos acontecimentos futuros, responder à pergunta ética de La Taille (2006) “Que vida quero Viver? ”.

Esse plano de vida poderia contemplar ações de curto, médio e longo prazo, sendo o curto prazo, o período até um ano, o médio, de dois a cinco anos e o longo prazo, mais de seis anos. Como os projetos de vida não são claramente definidos, espera-se que quanto mais longe da atualidade menos objetiva seja a realização. Isso é constatado pelas respostas.

“No longo prazo não tenho muitos planos, pois ainda acho muito incerto. Prefiro esperar um pouco para ver como as coisas irão se caminhar.” (P2)

“Contempla realizações de curto e médio prazo pois são os pontos onde ainda posso ter certo controle.” (P11)

Contudo, alguns objetivos de longo prazo se apresentaram como muito pessoal e, portanto, bem definido. Planos como casamento, emprego almejado, negócio próprio.

“Curto prazo: conseguir um estágio em uma grande empresa, Médio prazo: estar em um cargo maior e me casar, Longo

prazo: Constituir uma família (filhos) e ajudar as pessoas mais necessitadas. ” (P1)

“Contempla os três aspectos, já que a curto prazo, o plano é completar todas as disciplinas e me formar, a médio prazo o plano é conseguir um emprego em uma boa empresa, e, a longo prazo, o plano é alcançar um cargo que me satisfaça tanto pessoalmente quanto financeiramente.” (P7)

Mesmo com esses objetivos pontuais, a preocupação com o outro começa a se apresentar de uma forma intensa e expressiva, ou seja, alguns respondentes colocam a preocupação com o outro como parte do projeto de vida.

“O plano de vida de longo prazo é a constituição de uma família e a realização de viagens nacionais e internacionais ainda com ações voluntárias e sociais. A longo prazo espero que minhas atitudes, que se iniciaram em nível imediato, alcancem um nível avançado.” (P3)

Essa preocupação não existe em todas as pessoas, muitos se atêm a questões próximas e ao curto prazo, de forma a não envolver um “outro” distante em sua vida. Outros ainda acreditam que o seu plano de vida não interfere em nível avançado (outros países e povos), somente se referindo aos níveis intermediário avançado (cidade, estado, país), intermediário (cidade região) e imediato (família, grupos locais, comunidades, bairro).

“Creio que meus projetos se enfoquem mais nesse ponto, minhas preocupações envolvem sempre minha família e amigos não me preocupo tanto com os grupos locais, comunidade ou bairro, o que realmente me importa é que minha família e amigos estejam bem.” (P4)

“Tenho preocupação no nível principalmente imediato, já que são pessoas que posso afetar diretamente com minhas atitudes.” (P6)

“[...] em nível imediato: pretendo construir uma família e poder ajudar as pessoas mais próximas da maneira que for possível. Muito pouco em nível intermediário: apenas em quesitos que acabam influenciando, como ser um bom cidadão. E em nível intermediário avançado e avançado praticamente não identifico.” (P13)

Por outro lado, a busca pela autonomia e pela preocupação com o outro distante é presente nos planos de seis respondentes, isso indica uma busca por evolução não só reflexiva, mas também de ações dentro dos níveis morais de Piaget (1932) e Kohlberg (1981).

“A preocupação com o outro é constante por estarmos rodeados e precisamos dessas pessoas para qualquer ação direta ou indiretamente, então tento buscar sempre todos os níveis (imediato, intermediário, intermediário avançado e avançado), amar e respeitar quem não conhece é uma tarefa difícil, mas não impossível.” (P9)

A análise quanto à preocupação com o “outro” ficou mais atrelada ao nível imediato, apesar dos respondentes citarem alguns fatores de influência direta. Os alunos constatam que os planos e ações atuais só afetam diretamente as pessoas mais próximas e dificilmente as pessoas mais distantes.

Por fim, a discussão de autonomia e heteronomia se baseia muito na presença de uma autoridade, ou seja, em como uma outra pessoa influência nos projetos pessoais, na reflexão sobre regras, princípios e valores, dessa forma, essa pessoa também pode influenciar na definição do projeto futuro. Nesse sentido, percebe-se que os respondentes claramente sofrem pressões externas para determinada decisão, por vezes, sendo influenciados mais por uma autoridade do que pela própria reflexão na construção do projeto de vida.

“Família. A família acaba influenciando nas escolhas das minhas decisões. Penso no julgamento que irão fazer, e, muitas

vezes, meus projetos são afetados por pressão ou opiniões.”
(P14)

Além da família, essa influência também acaba vindo de outros lugares como a religião ou a própria mídia, contudo nenhum dos respondentes citou os professores como influência em seu projeto de vida:

“Minha principal influência é minha fé.”(P9)

“[...] talvez tenha me deixado influenciar pelo “glamour” do mundo empresarial criado pela mídia e me interesse quando tenho contato com as pessoas as quais vivem este estilo de vida [...]” (P10).

“Não sei até que ponto meus ideais e desejos consigam se diferenciar do que é vendido pela mídia, família ideal, emprego dos sonhos, vida confortável e farta, grandes amigos para a vida toda...” (P4)

Interessante que um dos respondentes identifica, mas ainda questiona ironicamente, a influência dessa autoridade mostrando um passo a mais quanto ao desenvolvimento moral.

“Reconheço a influência de meu pai, que trabalhou muito para se estabelecer e da sociedade em geral, que parece generalizar a trajetória de vida que as pessoas “devem” ter.” (P8) [grifo nosso]

Do mesmo modo que La Taille (2006), Kohlberg (1981) e Piaget (1964), não se pode negar que essa influência é um passo necessário dentro da heteronomia para se alcançar a autonomia, inclusive com o reconhecimento de que a influência de outras pessoas também pode ser saudável no sentido de aconselhamento ou de passagem de experiência, até mesmo na autonomia. Seis respondentes conseguem identificar essa influência positiva dentro da construção do projeto de vida, não como uma autoridade, uma regra que não pode ser quebrada, mas sim como um conselho, uma ajuda ou uma inspiração.

“Reconheço influências de minha família e amigos, as coisas boas em que me espelho e as ruins que desejo não reproduzir em minha vida. Vejo também lugares (empresas, por exemplo) que seguem modelos que eu adoraria seguir e algumas pelas quais eu tenho certo repúdio e também não quero reproduzir.”

(P5)

“Minha própria perspectiva de mundo e aspirações de futuro moldam meu projeto, porém ocasionalmente procuro opiniões de outras pessoas para isto. ” **(P2)**

A análise do plano de vida dos respondentes conseguiu identificar entre os entrevistados aqueles que possuem um plano mais definido e que envolve o outro e aqueles que não possuem um plano bem definido. Além disso, percebe-se que o longo prazo é pensado em termos de realizações pessoais, ou seja, objetivos pessoais de cada um, como abrir um negócio, trabalhar em uma grande empresa e casar e ter filhos.

Quanto às influências na construção desse projeto de vida, e ainda, a busca pela autonomia nove respondentes parecem se sentir obrigados a seguir o conselho dessas influências, sejam elas familiar, religiosa ou midiática. Por outro lado, existem cinco respondentes que utilizam essas influências como conselhos ou inspiração e não como uma obrigação vinda de uma autoridade, nesse sentido, a construção de seu plano de vida se tornou algo mais pessoal e reflexivo.

A definição do plano de vida não basta para identificar o plano ético, a resposta a “Que vida quero viver?” deve, como apresenta La Taille, conter o plano moral, ou seja, a preocupação com o “outro”. Dentre os entrevistados essa preocupação se atém a quem eles podem influenciar, nesse sentido, eles identificam uma preocupação com a família e os amigos próximos, contudo, o pensamento em pessoas mais distantes existe no caso de ações sociais, votar nas eleições ou como um objetivo de longo prazo dentro do projeto de vida. Essa constatação indica que não existe uma total alienação do outro dentro do projeto de vida da amostra.

4.2.2 A universidade e o sucesso profissional, seu modo e frequência de apresentação e discussão

Existe um consenso dos alunos sobre a presença do termo sucesso profissional e suas diferentes definições, a ideia geral é a de que os professores e os grupos de estágio oferecem algumas discussões sobre o sucesso profissional, contudo, cabe ao aluno se engajar nessas discussões e refletir sobre o assunto.

Os comentários da apresentação desse tema na universidade, por outro lado, variam de positivos a negativos com considerações relevantes.

“Sim, vários professores já mencionaram e discutiram sobre o tema.” (P6)

“A Universidade propicia eventos e disciplinas que vão de encontro à carreira de cada um, mas compete a cada aluno participar dos eventos que vão de encontro das suas próprias proposições de sucesso profissional e pessoal.” (P3)

Algumas observações sobre o fato do sucesso profissional ser subjetivo também são apresentadas, o que pode ir ao encontro da ideia de ética como plano de vida de Yves de La Taille (2006).

“Uma pessoa pode considerar sucesso profissional ganhar muito dinheiro, outras acreditam que ter qualidade de vida e fazer o que gosta é alcançar o sucesso.” (P10)

Aqui as respostas também fazem ressalvas sobre o que deve ser considerado sucesso profissional e como ele deve ser tratado dentro do ambiente universitário.

“A universidade apresenta reflexões muito superficiais quanto ao sucesso profissional, apresentando algumas situações do mercado de trabalho que podem auxiliar ou atrapalhar nosso sucesso profissional. Não acho que aborde da melhor maneira.” (P13)

“Em sua maioria, não. Alguns professores tentam fazer algumas discussões como essa, mas acredito que caberia se ter mais e a universidade acaba não dando informações ou reflexões sobre o assunto, deixando o aluno despreparado para o mercado de

trabalho. Algumas vezes, o professor esbarra na barreira dos alunos que não se importam com nada e não presta atenção, desmotivando o professor. Por outro lado, também existem aqueles professores e coordenadores que não se importam com o conteúdo passado aos estudantes, e só fazem o mínimo que se pede.” (P14)

Fica claro que, no papel de formadora de profissionais de nível superior, a universidade tem uma função importante não só na educação para a área de atuação, mas implica também em desenvolver reflexões quanto à ética e ao sucesso profissional. Nesse sentido, a faculdade com certeza menciona o termo sucesso profissional e dá a ele vários significados, contudo, vê-se que a necessidade de reflexão dos alunos não é atendida apesar de percebida por eles próprios.

Observa-se até aqui que o sucesso profissional é subjetivo e se define de uma maneira diferente para cada pessoa, da mesma forma ele pode ser definido na visão da universidade. Essa definição é dada pelos próprios alunos como sendo uma carreira bem-sucedida na área de atuação de cada pessoa, com menções ainda ao mercado profissional e a casos de sucesso, fama e dinheiro.

“Pelo que posso perceber, no discurso da universidade, “sucesso profissional” é você conseguir um emprego pelo qual estudou e ter um bom retorno financeiro.” (P13)

“Trabalhar numa boa posição reconhecida pelo mercado.” (P8)

“Sucesso profissional é ser um grande profissional estando empregado em uma grande empresa multinacional, ocupando um alto cargo e sendo bem remunerado ou ser um grande empreendedor.” (P4)

Nota-se que o sucesso profissional apresentado pela universidade aos alunos não envolve, de maneira mais contundente, uma “vida boa” enquanto o respeito aos outros

ou a si mesmo. Isto porque não se discute a ideia de que o sucesso profissional faz parte do plano ético, enquanto plano que respeita a moral.

“Para mim apresentam o sucesso como uma carreira em uma grande corporação, recebendo um bom salário na maioria dos casos a felicidade e bem estar do indivíduo e ambiente e comunidade não são debatidos.” (P5)

O incentivo a esse sucesso profissional, dado pela universidade, vai ao encontro da mesma constatação, de forma que, existe uma pressão para que o aluno siga aquilo que lhe é dito e busque essas mesmas concepções de sucesso.

“Os alunos são incentivados de forma a seguirem a filosofia da escola e não seus próprios valores, à meu ver é quase uma “lavagem cerebral”, mas creio que a decisão de como fazê-lo ainda seja individual.” (P5)

“Vejo que a cada discurso de um professor, de um grupo de extensão ou Empresa Júnior somos mais e mais empurrados para a versão apresentada.” (P4)

Ainda assim, são apresentados incentivos ao sucesso profissional de formas diferentes dentro da universidade, ou seja, o incentivo pode ocorrer por meio de grupos de extensão, palestras, professores e aulas.

“Principalmente pelos professores, muitos transmitem isso por meio de ser rigoroso e outros por meio de discurso para que sejamos bons alunos e consequentemente, alcançar o sucesso profissional.” (P6)

“Sim, os professores citam exemplos de ex-alunos que trabalham em grandes empresas e tiveram êxito na carreira como forma de motivação.” (P8)

“Porém, o estágio em que estou atualmente, a motivação e o aperfeiçoamento pessoal e profissional são contínuos.” (P12)

Quanto às orientações veiculadas pela universidade para buscar o sucesso profissional, elas vão ao encontro de um bom nível de conhecimento e preparo do aluno para o mercado de trabalho.

“As orientações passadas são cada vez mais se aprofundar nos estudos, fazendo cursos profissionalizantes, tudo vinculado a aprender academicamente mais.” (P9)

“Geralmente as orientações são para se dedicar nos estudos, ampliar o “networking” e buscar experiência prática ainda na graduação com estágios.” (P2)

“Estar capacitado sempre, aprender novos idiomas, estagiar em grandes empresas, aprender a usar novas ferramentas, entre outras coisas.” (P1)

Um dos respondentes afirmou não existir orientações, e que muitas vezes, o sucesso profissional se torna um conceito distorcido na universidade, isso mostra, como no restante da análise, uma insatisfação dos discentes para com o tratamento dado pela universidade ao sucesso profissional. O que ressalta também a existência de uma consciência, dentro do corpo estudantil, que o sucesso profissional é parte da ética e é mais do que aquilo que lhes é apresentado.

“Não consigo identificar orientações específicas neste sentido. Alguns professores utilizam o sucesso profissional como “desculpa” para dar alguns sermões, mas que facilmente percebe-se que aquela não é a real preocupação dele.” (P13)

A frequência com que a universidade se manifesta quanto ao sucesso profissional se apresentou das três formas: dez alunos citaram como insuficiente, três como suficiente e, somente um, como intensa e expressiva.

Quando intensa e expressiva a resposta considerou o sucesso profissional com a ideia de que ele vem do conhecimento e das experiências do aluno, e isso a universidade oferece.

“É suficiente e intensa e expressiva, pois é visível a busca dos alunos por garantir esse sucesso, e a universidade sempre oferece essas oportunidades (estágios, intercâmbios e grupos de extensão).” (P1)

Quando suficiente, essa frequência foi dada pela percepção do aluno de que o tema não é tão necessário de ser analisado dentro da universidade, ou ainda, só é suficiente, mas não contempla tudo o que deveria.

“Suficiente no aspecto que se propõe, mas insuficiente quanto aos impactos no outro.” (P3)

“Acho que é o suficiente. Não é bastante, mas penso que não é tão necessário tentar passar este conceito, visto que é consideravelmente subjetivo.” (P2)

Cinco alunos consideraram insuficiente, e constataram que a universidade não aborda o conceito sucesso profissional em sua totalidade, ou ainda, no que se é necessário para o aluno.

“Eu diria que pouco efetiva, uma vez que a partir do momento que entramos no curso começa uma “propaganda” intensa e expressiva sobre o sucesso profissional, como devemos fazer para alcançá-lo e o que devemos evitar a qualquer custo, tudo isso de uma forma quase como um terrorismo.” (P4)

“Insuficiente. O assunto é abordado raramente e de maneira superficial e informal.” (P13)

Ao analisarmos as respostas quanto ao sucesso profissional e a visão da universidade sobre o aluno, percebe-se que são contemplados a formação do aluno e seu sucesso. Este envolve dinheiro, fama, prestígio e o mercado de trabalho; as discussões no ambiente universitário, na opinião dos alunos, são raras ou superficiais e sempre devem ser buscadas pelo próprio aluno.

Interessante notar que existe uma ideia de que o sucesso profissional é mais do que o que a universidade apresenta, apesar de que no projeto de vida essa concepção a mais, que é a própria inclusão da moral, muitas vezes não ter sido apresentada.

De modo geral, a universidade como formadora de profissionais, conta com o conceito de sucesso profissional muito voltado para o sucesso de sua própria função, o que a tem impedido de entrar em discussões ou reflexões a um nível mais subjetivo, o que é demandado pelos alunos e auxiliaria na construção de um projeto de vida ético. Apesar de já se ter abordado o conceito de sucesso profissional, volta-se agora para as suas consequências, ou seja, para as reflexões sobre os desdobramentos que o sucesso pode acarretar para o próprio aluno e para seu entorno.

4.2.3 A universidade e o ônus do sucesso profissional, seu modo e frequência de apresentação e discussão

Os resultados apresentados até aqui circundam o tema ética entendendo o plano subjetivo de vida de cada um dos entrevistados, já que, coloca-se ética como resposta à pergunta “que vida quero viver?”, no sentido de La Taille (2006), e a perspectiva do que é sucesso profissional e como ele é tratado dentro da universidade.

Já se tem em mente que os objetivos pessoais de cada entrevistado levam em consideração outras pessoas com maior ou menor proximidade, a depender de seu projeto de vida, e que a universidade muitas vezes não realiza, ou realiza de forma insuficiente, as discussões sobre sucesso profissional, levando em consideração apenas seu papel como formadora de profissionais em administração.

Agora, pode-se entender se o ambiente universitário possui discussões sobre o ônus desse sucesso profissional, ou seja, a consequência dele para as outras pessoas, será que essa discussão existe? Em qual nível essa preocupação incide? Sobre pessoas mais próximas ou mais distantes? E qual a frequência da manifestação da universidade sobre o tema?

As discussões sobre o simples sucesso profissional foram citadas como suficientes, porém muito necessárias. No caso do ônus desse sucesso, somente cinco alunos percebem a presença de manifestação desse tema por parte da universidade e a citam como feita de maneira insuficiente.

“A universidade não demonstra o sucesso profissional como algo que interfira diretamente a vida das demais pessoas, porém sempre apresenta o sucesso profissional interferindo na vida da empresa (que é composta por pessoas) logo há essa visão indireta apenas sobre a interferência no outro.” (P9)

“Não me lembro sobre qualquer manifestação referente ao ônus do sucesso profissional. Talvez tenha havido, mas não me recordo de algo relevante.” (P2)

“Não. É totalmente inexpressivo, e só ocorre em casos isolados, onde professores se manifestam por pensamentos próprios, e não de acordo com a visão da universidade.” (P1)

“Não. Não percebo no espírito da universidade esse tipo de preocupação, pelo menos não nos profissionais que tenho contato. Percebo que a universidade está mais preocupada em somente formar os alunos para o mercado de trabalho sem pensar no que isso pode acarretar.” (P14)

Constata-se então a falta de manifestação da universidade quanto ao ônus do sucesso profissional, e ainda, a percepção de que quando essa discussão ocorre parece ser um caso isolado a partir de uma experiência que o aluno buscou ou que o professor se propôs a partilhar.

Também se percebe que o nível de preocupação não chega a ser avançado (outros países e povos), ficando então em nível imediato (família, grupos locais, comunidades e bairro) e intermediário (cidade e região).

“Acredito que seja em nível imediato, considerando atuação local em comunidades.” (P5)

“A preocupação incide em nível intermediário, refletindo sobre os reflexos diretos da instalação de uma nova empresa, como exemplo. Mas não aborda os níveis avançados.” (P12)

Existe um participante que entende que a manifestação da universidade sobre esse tema vai ao encontro do objetivo de formar estudantes e não necessariamente de ajudá-los a construir seu objetivo de vida de maneira ética.

“[...] De nível intermediário vemos o discurso muito presente desde o primeiro dia de aula com as frases “a sociedade paulista paga a sua faculdade, isso aqui é dinheiro público” e “estamos investindo em vocês para formar os melhores profissionais, aqueles que o país precisa” ou até os discursos mais clichês como “vocês são o futuro da nação, vocês são o futuro da elite pensante de nosso país” [...] em nível avançado só vejo essa preocupação quando se toca no assunto de intercâmbio ou publicações científicas.” (P4) [grifo é nosso]

Aqueles que responderam que não existe essa manifestação de ônus do sucesso profissional, consideraram-na insuficiente. Mostrando que a reflexão não é nenhum pouco profunda ou de acordo com a necessidade dos discentes.

“Insuficiente. A não ser, talvez, em alguma disciplina referente ao assunto, este “ônus” não é abordado no contexto universitário.” (P13)

“Frequência que o tema é abordado na universidade é insuficiente, pois não existe na discussão em torno do assunto também não há reflexão sobre o que cada um considera sucesso profissional.” (P10)

4.2.4 A percepção do aluno sobre como a universidade deve abordar o sucesso profissional

Ficou claro que os alunos percebem a discussão quanto ao sucesso profissional ou seu ônus como insuficiente dentro da universidade, ainda que em seu próprio projeto de vida não fora dado destaque a essa preocupação com o outro. Mesmo assim os alunos refletem sobre uma necessidade de discussão sobre o tema dentro do ambiente universitário.

“É muito importante abordá-lo dentro da universidade, pois dá uma nova visão aos alunos, apresenta as diversas oportunidades que eles terão e trazem novas perspectivas sobre o mercado de trabalho e sobre as novas experiências que os alunos vivenciarão. Acredito que a abordagem do sucesso profissional dentro da universidade é a ideal. Porém, acho que deveriam ser consideradas as diferentes personalidades e individualidades, os valores morais e éticos deveriam ser mais dialogados e também deveriam ser apresentados aos prós e os contras, para que os alunos possam ter todas as informações e não façam suas escolhas de maneira precipitada.” (P1)

É constatada uma preocupação com a subjetividade do tema, mas isso também parece remeter a uma necessidade de reflexão e até mesmo de espaço para que ela ocorra.

“Penso que deve ser feita algumas vezes, porém de forma reflexiva, a fim de auxiliar os alunos a se esclarecerem sobre o tema e ajudá-los a buscarem o que estão dispostos. O ônus do sucesso profissional também poderia ser abordado de forma satisfatória com alguns exemplos de consequências que a busca pelo sucesso pode trazer.” (P2)

“O sucesso profissional apesar de ser bem subjetivo deve ser debatido para que os alunos saiam com um pensamento formado só que é sucesso profissional para, e que tendo isto definido possa correr atrás desses objetivos. Acho que a melhor forma de abordar tal tema é em aulas e palestras que discuta-o e promova uma reflexão nos alunos.” (P6)

Outras formas de apresentação do tema também foram apresentadas.

“A universidade deveria fazê-lo realizando feiras de carreiras, onde os profissionais relatam suas trajetórias e como é a vida no trabalho.” (P8)

“O tema deve ser abordado na universidade, tanto no ponto de conhecer melhor o mercado, quanto dentro das disciplinas como forma de reflexão para gerar alguns padrões.” (P10)

Percebe-se que existe uma necessidade de busca dessa reflexão sobre o projeto de vida por parte do graduando. E que, somente aqueles que incluem a moral em seu projeto de vida, tornando-o um projeto ético, buscam essa reflexão. Na essência, o projeto desses alunos em específico contempla ações voluntárias de caridade e generosidade.

De certa forma, os alunos querem uma abordagem mais contundente da universidade sobre o sucesso profissional e suas consequências, no entanto, o entendimento de que essa reflexão dentro de seu projeto de vida o faz um projeto ético, em busca da resposta “que vida quero viver?”, não é claro.

4.3 Análise da pesquisa com os docentes

A análise dessa entrevista com os docentes é realizada por meio da transcrição das entrevistas e por ressaltar a percepção dos participantes para cada uma das questões propostas, destacando as semelhanças e diferenças entre as respostas. A análise começa por uma breve caracterização da amostra, e em sequência, pelos três grandes temas: a visão do docente sobre o seu papel na reflexão do aluno, sua percepção quanto a postura da universidade em relação ao tema e, por fim, a sua visão sobre como deveria ocorrer a reflexão sobre o sucesso e seu preço no ambiente universitário.

4.3.1 Caracterização da amostra

A entrevista estruturada foi realizada com sete docentes do Departamento de economia, administração e sociologia que ministram aulas para os alunos de graduação em administração. Como o curso é novo, a maioria dos professores são recém contratados, sendo que os dois, com mais tempo lecionando na ESALQ, começaram em 2004 e 2008 e os demais a partir de 2013. A escolha dos professores procurou seguir um critério que abrangesse todas as áreas da administração, por isso cada um deles leciona para áreas distintas do curso, indo de recursos humanos até administração financeira, passando por marketing, tecnologia da informação e contabilidade.

4.3.2 O papel do docente, reflexões sobre o sucesso e suas consequências

Tendo feita a caracterização dos entrevistados, a entrevista tem continuidade na identificação do papel do docente na reflexão sobre o sucesso profissional e suas consequências. Todos os docentes entendem que esse papel existe e é “determinante” (E6). Esses professores colocam, como papel do docente, apresentar os diferentes campos de trabalho do egresso do curso.

“O papel de despertar o aluno para uma determinada área, acho que esse é o caminho. Para que possa encaminhar esse aluno para uma determinada empresa ou para um determinado estágio, para que ele possa ir se preparando para quando ele possa ir, e aí definitivamente, para o mercado de trabalho, ter um sucesso ou não, seja isso em uma entidade privada ou entidade pública.” (E5)

Apesar de todos os professores ressaltarem o seu papel na apresentação de áreas de interesse dos alunos, um deles já apresenta uma discussão sobre as suas consequências, e ainda, cita que em toda disciplina pode-se apresentar pontos de reflexão sobre o sucesso e seu ônus, inclusive sobre a ética no uso das ferramentas aprendidas em cada disciplina.

“De uma forma mais ampla, eu entendo que todo professor e sempre que possível alinhado, eu acho que isso favorece o melhor entendimento do aluno, o alinhamento, e acho que isso é possível em todas as disciplinas até a de cálculo tem esse tipo de reflexão. [...] Mas na minha opinião, independente da disciplina é algo que precisa ser reforçado. É óbvia a questão da ética atrelada à profissão. Ética, a gente há de adotar em todos os tipos de relação, em todos os meios, mas especificamente, dentro desse escopo, formação do gestor, de um administrador, eu entendo que é necessário.” (E1)

Apesar de constatada a existência do papel do docente na reflexão sobre o sucesso profissional, entre os entrevistados existe uma preocupação se essa influência

sempre é positiva na construção do projeto de vida do aluno. Dois professores constatam que para o aluno ainda é difícil enxergar o mercado de trabalho de forma concreta.

“Então o aluno, ele cria uma expectativa em relação ao mercado de trabalho, por exemplo, mas ele não consegue tangibilizar isso [...] Então assim, eu acho que essa questão de sucesso, não é um sucesso tão profissional real, que o aluno possa dimensionar.” (E2)

“Agora eu não sei quão influenciáveis esses valores trazidos pelos jovens são na construção da sua carreira profissional, talvez seja interessante também fazer essa pesquisa depois, depois que já estiverem um tempo no mercado.” (E6)

Os outros entrevistados ainda entendem que os professores não podem ser os únicos fatores decisivos do futuro profissional do aluno.

“Mas tem disciplinas, igual psicologia, que vai discutir questões de sucesso, mas eu não sei se enquanto professor, enquanto docente, a gente tem esse papel de falar do sucesso e como deveria ser. Essa ideia de sucesso para o aluno e como a gente deveria trabalhar isso dentro da graduação.” (E7)

“Porque eu acho que o sucesso profissional dele, nesse processo de escolha da área, tenha que ser uma coisa que ele tenha realmente vontade, motivação, e acho que fica até um pouco complexo, qual que é o limiar em que você está intervindo na escolha do aluno ou não.” (E3)

Ainda assim, já nesse primeiro contato, dois professores percebem uma discussão sobre a ética por trás da reflexão acerca do sucesso profissional.

“O intuito do professor para mostrar qual o sucesso profissional, primeiro, não é com ‘cases’ de sucesso que você vai mostrar o sucesso profissional para aluno, mas é levando

esse aluno a refletir e é apresentar para esse aluno questões de personalidade e valores, então, humildade, ética, obviamente a discussão de ética cabe a professores de ética tratarem, mas professores de outras disciplinas como eu podem apresentar em diversas situações.” (E3)

Os entrevistados veem, no conceito de sucesso, uma questão subjetiva que vai de pessoa para pessoa, alguns citam ganhar dinheiro, outros ter um alto cargo, mas todos lembram que isso vai de uma escolha pessoal, da construção do projeto de vida de cada um, que pode ou não se realizar. Esse entendimento da subjetividade vai ao encontro da definição de La Taille (2006), que apresenta a ética como uma escolha subjetiva e individual, a construção do projeto de vida de modo amplo ou em busca do sucesso profissional fazem parte do plano ético.

“É, eu diria que o sucesso profissional se traduz em você ter atingido seus objetivos em determinado momento da sua vida, mas sobretudo, é o que eu comento com alguns alunos em sala de aula, é o fato de você ter seguido uma trajetória que levou você a um lugar que você queria estar, ok, se isso não aconteceu é por que ao longo desse processo houve uma frustração do indivíduo e fez ele mudar de curso, ou houve uma redefinição dos seus valores.” (E6)

“O entendimento de sucesso, primeiramente, o que te faz bem.”
(E4)

A ideia de sucesso apontada pelos docentes vai ao encontro do que La Taille (2006) aponta como ética enquanto “vida boa”. A busca pessoal do sucesso tem relação com o que cada um almeja para sua própria vida e na sociedade “pós-moralista” descrita por Lipovetsky (2005) esse individualismo é completamente comum. No entanto, o outro ainda é pensado na construção desse projeto de vida, dessa forma, a ética ainda deve conter a moral, principalmente em relação à justiça, à generosidade e ao respeito mútuo. Entra-se, então, na discussão sobre o preço desse sucesso.

“Não só a ideia de sucesso, pode ser a ideia de sucesso. Se você achar que tem sucesso porque ganha dinheiro, mas se você tem um empreendimento trabalha em prol e ganha dinheiro é uma forma de atingir esse sucesso. Agora o negócio é ganhar dinheiro então eu vou roubar ou furtar o dinheiro do outro. São duas formas de sucesso, com comportamentos distintos. Então isso que eu falo, a forma como você vê sucesso depende da forma, do comportamento que você está tendo para alcançar esse sucesso.” (E7)

A entrevista continua com a questão do sucesso, mas agora indagando sobre a necessidade de reflexão sobre o ônus desse sucesso, as possíveis consequências da busca pelo sucesso do administrador. Vale destacar que cada um dos docentes vê o conceito de sucesso de uma maneira diferente, mas entendem de forma unâmive que o sucesso, do ponto de vista do mercado ou do senso comum, pode acarretar consequências para outros aspectos da vida. Essa definição de sucesso tem relação com dinheiro, fama, carreira profissional e ser o melhor naquilo que faz.

“Eu acho que esse foco no início da carreira específico que o mercado prega quanto ao resultado financeiro pode trazer uma série de inseguranças, de ansiedades.” (E1)

Os docentes também passaram a fazer uma relação de sucesso com competitividade. Existe uma percepção de que o mercado, hoje, é competitivo e demanda um esforço do aluno em se concentrar na carreira profissional em detrimento de outras formas de sucesso, como família e amigos. Vale ressaltar que essa competitividade é mencionada por La Taille (2009) e Lipovetsky (2005).

“Com certeza, se a gente tem um curso que cria máquina, que cria um tecnicismo puro, a percepção de sucesso ela vai ter o que. Eu tenho que ser o melhor, para eu ser o melhor, o que eu preciso fazer, muitas vezes o sucesso e o principal ônus que eu vejo dessa busca pelo sucesso é que as pessoas pisam nas outras, assim a competitividade, ela é extremada.”(E4)

Esse entendimento das consequências do sucesso profissional é sempre atrelado ao sucesso dado pelo mercado. Ainda assim, a preocupação com esse ônus se mantém a nível individual ou muito próximo da pessoa, sempre ressaltando os relacionamentos pessoais.

“E nesse primeiro ano pós-formação, esse tipo de angústia vai surgir muito, esse estresse, problema de saúde, relacionamento, eu entendo que seria um ônus.” (E1)

Um dos docentes ressalta que esse conceito do mercado existe, contudo, cabe ao indivíduo decidir sobre o que ele está disposto a sacrificar para alcançar seu sucesso. O professor, na sua visão, passa a ser um orientador quanto aos riscos e também às oportunidades que esse aluno vai ter, seguindo determinada linha.

“Essa percepção de entender qual foi o preço que essa pessoa pagou, a trajetória que ela seguiu, se de fato ela falou a verdade, se de fato ela está sendo sincera. Isso a gente pode ensinar na faculdade, entender que não tem almoço grátis, que a vida é dura, que a vida não é fácil, entender que é difícil chegar lá e você paga um preço. Agora, uma vez que você buscou essas informações, que você entendeu o risco, aí você começa a decidir profissionalmente.” (E6)

Todos os entrevistados, com maior ou menor grau de interferência, entendem a necessidade de auxiliar o aluno na construção e reflexão sobre seu projeto de vida. Os mecanismos apontados pelos docentes são diversos, sendo destacado o relacionamento próximo com os professores orientadores.

“Depende muito da relação com o aluno que esse professor tenha. Com alguns alunos você consegue ter uma proximidade muito maior e com os alunos que estão mais próximos que talvez esteja fazendo algum estágio, ou tenha algum relacionamento se consiga conversar e explicar e dar sugestões, mas isso eu não vejo de uma forma que em uma sala de aula

com 50 com 100 alunos você coloca isso de uma forma pontuada e que todos entendam.” (E5)

Dois dos sete professores entendem que essa reflexão também pode ser colocada nas disciplinas, sendo que um deles confia na disciplina de ética e política existente no curso, como visto no PPP, mas não descarta a aplicação em outras áreas. O outro, percebe que tal temática pode ser aplicada em qualquer área e que é de suma importância ir além do conteúdo técnico no ensino de graduação.

“Por isso que vocês têm uma disciplina de ética em um curso de administração.” (E7)

4.3.3 A universidade, sua concepção de sucesso e função de educadora

Pergunta-se agora, sobre o papel da Universidade, enquanto instituição, na discussão sobre o sucesso e suas consequências. Os docentes entendem que o fato de o aluno estar em uma universidade já indica uma busca pelo sucesso. Por ser a Universidade de São Paulo, um dos entrevistados indica que já existe uma questão de sucesso atrelado ao curso, mas que, para as funções da universidade, o sucesso pode ser visto nos três âmbitos de sua função: ensino, extensão e pesquisa.

“Quando você fala: ensino, pesquisa e extensão. Quando você fala em sucesso de ensino é isso, é capacitar bem, ter um bom resultado, ser um bom profissional. A extensão, e por ela ser pública, existe um tipo de sucesso que é interagir bem, ajudar a comunidade, é dar retorno, para, por exemplo, as incubadoras de empresa, as patentes geradas. [...] E pesquisa, o que está sendo discutido hoje é internacional, é você publicar em ‘journals’, periódicos internacionais”. (E2)

Se por um lado o conceito de sucesso da universidade, percebido pelos professores, recai sobre o próprio sucesso do aluno, e nesse ponto, espera-se um aluno muito bem colocado no mercado, de outro, também existe uma cobrança de sucesso do próprio docente em termos de pesquisa e extensão, mas que na visão dos entrevistados também deveria recair sobre o ensino.

“A Universidade, ela vê o sucesso quando ela enxerga, ela consegue ver um ex-aluno em uma posição de destaque na sociedade, ela não consegue enxergar, muitas vezes, que quem está, talvez num pequeno mercado de trabalho, em uma pequena empresa, talvez também esteja tendo sucesso tanto quanto aquele outro lá fora.” (E5)

“Dentro da pesquisa, o quanto o professor é cobrado, isso reflete na forma como o professor conduz o seu relacionamento com o aluno? Muito, muito.” (E1)

Um dos docentes entende que o conceito de sucesso atrelado à universidade como um todo limitaria muito a sua atuação e que essa discussão deveria ocorrer de forma mais micro, entre orientador e orientado.

“A preocupação com o curso não é a geração de valores ou de apreço a valores, a importância central são ferramentas gerenciais, claro que você vai ter disciplinas que vão dar esse subsídio para a geração de valores, mas o ponto central, o núcleo vivo, o núcleo duro é o ponto central, você está aqui para aprender ferramentas que vão possibilitar você a gerenciar as coisas.” (E7)

Dois professores claramente demonstram a inexistência de uma diretriz da universidade sobre o seu papel na formação reflexiva do aluno, ainda que ela possa apresentar o conteúdo técnico, por vezes contido no Projeto Político-Pedagógico do curso.

“Sendo que cabe a ela mostrar qual o papel de formação, que aluno USP eu quero? Um aluno USP, ele tem que ser nota dez ou ele tem que ser um cidadão de bem? Um profissional de bem? Que aluno eu estou falando? Isso é papel da universidade, o professor é um instrumento dentro de toda essa estrutura, e a universidade, eu vejo que ela falha nesse sentido, porque ela não deixa claro para gente.” (E4)

Os outros professores, quando indagados sobre os mecanismos existentes na universidade, que trazem a discussão sobre o sucesso e seu preço, citaram, assim como os alunos, eventos e projetos pontuais da faculdade. Contudo, a cobrança de outros tipos de resultado muitas vezes retira a reflexão ética do foco das atividades comuns dos docentes.

“Dois momentos que eu observei do ano passado para cá foi um evento promovido pelo pessoal do pavilhão de humanas, chamado qualidade no ensino. Algo que, pra mim, eu prezo muito, mas eu praticamente não vi colega meu lá dentro, tinham os professores que estavam promovendo o evento e os alunos de pós, e um ou outro professor, e não tinha professor presente.”

(E1)

“Para mostrar o sucesso? Não, nunca ouvi falar [...]. Não é uma coisa que também eu procure, talvez se eu procurasse, em departamentos que trabalham mais esse lado de reflexão de discussão. É uma área que eu gosto muito, pena que não dá tempo de olhar tudo, talvez eu encontrasse, mas até hoje eu não encontrei nada dessas consequências.” (E4)

Percebe-se que a universidade não apresenta um conceito formal sobre o sucesso, mas que dependendo de onde colocamos esse conceito ele pode vir de maneiras diferentes, como a cobrança por resultado do professor ou com alunos egressos da faculdade e bem-sucedidos. Claramente os docentes também lembram do PPP como documento no qual se apresenta a necessidade de formar alunos com responsabilidade social, ética e pensamento crítico.

“Do ponto de vista da Universidade, acho que há conversas no sentido de ter uma estrutura, uma grade curricular que permita ele ter uma certa escala de conhecimento e de aprendizado, e eu acho que aí até os planos pedagógicos caminham nesse sentido.” (E5)

Os professores percebem a falta de eventos, cursos ou mecanismos que instiguem a reflexão sobre ética, sucesso profissional e suas consequências. Dois deles entendem que essa não é a função principal da Universidade, três apontam para um excesso de cobrança que impede a busca por esse tipo de discussão e os últimos dois apresentam uma total inexistência dessa reflexão dentro do ambiente universitário, ainda que necessária.

4.3.4 Como a reflexão deveria acontecer?

Com as definições dadas pelos entrevistados, tanto do seu próprio ponto de vista como da visão apresentada pela Universidade, foi também possível entender quais são os atuais mecanismos ou espaços de discussão existentes para a reflexão sobre o sucesso e seu preço. Existe, em meio ao corpo docente, uma percepção de falta de mecanismos para essa reflexão, e da mesma forma uma cobrança por resultados técnicos e baseados em um conceito de sucesso que por vezes não envolve o outro. Dentro dessas circunstâncias, cabe uma descrição do que os entrevistados consideram que deveria haver dentro da reflexão aqui presente.

Dois dos professores já declaram que essa discussão deveria ser colocada em todas as disciplinas. Aqui vê-se o papel claro da educação na formação moral e ética do indivíduo. Um dos docentes, pelo contrário, acredita que essa reflexão de valores vem antes da universidade, ela é criada pela própria família e que a graduação poderia mudar muito pouco. La Taille (2009) entende que a família é sim um fator importante, mas que, na falta dela, a educação fundamental, e até mesmo superior, tem sua contribuição na formação de valores dos indivíduos.

“Então, acho que todo esse tipo de discussão que envolve questões de ética que levam ao sucesso precisam estar como conteúdo, mas devem ser acompanhados pelo docente.” (E1)

“Acredito eu, isso deveria vir da família, da constituição da família, para depois, isso ser disseminado no âmbito da universidade, então quer dizer, são primeiro as relações sociais que a pessoa estabelece que deveriam criar essa estrutura de geração de valores.” (E7)

Um terceiro entrevistado acredita que a orientação do docente é importante nessa formação do aluno, contudo, a família exerce muita influência em na sua mudança ou melhoria de comportamento e/ou pensamento.

“Às vezes, numa conversa de cinco minutos, você consegue dar uma orientação, ou às vezes com uma conversa de um mês a pessoa não consegue mudar, esse é o grande desafio e vai muito, até mesmo, da educação que ele teve antes de chegar na universidade para ter esse direcionamento.” (E5)

Um dos entrevistados lembra que o tema “ética”, que inclui o sucesso, presente no PPP, deve ser tratado de forma transversal e que a união dos objetivos de uma universidade (ensino, pesquisa e extensão) é essencial para constituir esse espaço de reflexão. Essa questão, no entanto, também deve contar com uma orientação dos professores por parte da universidade.

“Isso pode ser trabalhado em sala de aula, pode ser introduzido no currículo de uma maneira transversal e isso está no projeto pedagógico do curso [...] Talvez os professores, poderiam ser mais orientados, essas questões são muito de iniciativas em relação ao curso. E não é só a ética, tem sustentabilidade, e tem dimensões da formação do cidadão que precisam ser exploradas.” (E2)

O acompanhamento do aluno, durante e após a graduação, já é uma atividade que ocorre no curso. Três professores citam essa como uma boa prática e, como visto, eles também acreditam que a relação entre professor e aluno é essencial para que ele aprenda não só a parte técnica como também a ética profissional.

“Para nós, professores, esse acompanhamento é importante, eu acho que os professores deveriam acompanhar [...] o desempenho do aluno de uma maneira mais holística, [...] E se fosse ex-aluno, talvez o coordenador ou outras pessoas pudessem acompanhá-lo, talvez dar uma orientação a ele, talvez fosse uma possibilidade.” (E3)

Os eventos com as temáticas ética e sucesso foram citados por muitos alunos, e dois dos docentes também citaram que essa seria uma forma de abrir um espaço de reflexão que vai além da técnica. Um dos entrevistados também cita que esse tipo de mecanismo deveria ter alguma obrigatoriedade dentro do curso.

“Mas também ter momentos e situações que talvez não seja nem em aula. O duro que grupo, o aluno teria que buscar o grupo, teria que ser algo obrigatório, a participação em eventos que trabalham a participação ética verdadeiramente, ou qualquer outro. [...] Então não só na disciplina, a disciplina tem um papel fundamental, por que ela é o primeiro contato entre professor/aluno, mas que houvesse outras coisas que incitassem ou levassem os alunos a pensar, que nem tudo se resolve com uma fórmula, que nem tudo se resolve com manual.” (E4)

A união dos professores e a participação da própria instituição são pontos de melhoria citados. O que inclui uma orientação estratégica maior e também uma parceria entre os docentes com a colocação do tema para os alunos.

“Primeiro, sentar todo mundo junto e conversar, coisa que não existe, não existe, as áreas não conversam, professor não se relacionam, os cargos altos, e quando eu digo altos é desde reitoria, porque eu acho que esse negócio, ele tem que ser coletivo, não adianta mandar um e-mail de um evento específico, tem que obrigar todo mundo a ir, e pior, até tem, porque teve um aqui da ESALQ, que eu não fui. Falando de docência e tal, não adianta fazer e não pôr em prática.” (E4)

Um dos professores cita os exemplos como uma forma eficiente de ensino, mas com cautela de dar exemplos reais do sucesso que se quer transmitir para o aluno, essa questão, colocada em aula ou em eventos, é um dos mecanismos já utilizados e também mais sugeridos pelos professores.

“Pra começar com exemplos de professores, eu acho que o exemplo é uma das melhores formas de ensinar alguma coisa.

Por meio de exemplos que você cria esses ‘role models’, que as pessoas tentam seguir.” (E6)

Claramente o curso de graduação procura formar administradores de sucesso, isso requer técnica, ou seja, conhecimentos das diversas áreas de administração. Tal pensamento, de forma alguma, é errado. Questiona-se aqui a existência ou não de uma função do curso de formador de cidadãos éticos, profissionais, com pensamento crítico e que na busca do seu sucesso entendam as consequências que ele pode trazer para si mesmo e para os outros ao seu redor. Os mecanismos apresentados até aqui foram formas citadas pelos professores de como essa segunda parte da formação pode ocorrer. No entanto, dois professores entendem que, para que essa função da universidade realmente ocorra, é preciso mais do que ações pontuais. “*Precisaríamos repensar o papel que a universidade tem na formação do aluno.*” (E7)

Dois modelos são apresentados pelos entrevistados para que essa mudança de fato ocorra, uma é partindo da estratégia da própria universidade, alterando suas diretrizes e a outra, com a justificativa de uma subjetividade do tema, deveria partir da iniciativa dos alunos, de uma busca dos estudantes por essa formação mais reflexiva do que técnica.

“Eu acho que tudo tem que partir de cima, tem que partir das reitorias, das prós-reitorias, partindo disso, do ponto de vista estratégico, você chega na ESALQ, chegando na ESALQ aí você tem os cursos, chegando nos cursos, aí você tem que discutir mais isso.” (E3)

“Mas isso depende muito do indivíduo que está, do orientando do que do orientador, eu acho, depende muito mais do aluno do que da universidade. O que a gente tá pensando é a gente quer institucionalizar então vem de cima pra baixo, mas isso não é verdade, tem que vir de baixo para cima.” (E7)

Por fim, os docentes são indagados sobre a influência que essa formação tem no aluno, sua relevância e quais seriam as mudanças no pensamento do aluno com a aplicação desses mecanismos. Um dos entrevistados nota que, apesar dos esforços do

docente, muitas vezes, é o mercado que vai selecionar o melhor profissional, mesmo entendendo que esse mercado pode definir sucesso de uma forma mais material.

“O aluno do primeiro ano é necessariamente menos maduro? Uma necessidade pode levar um aluno do terceiro ou quarto ano, a partir do momento que ele não apenas recebe uma orientação do professor, quando ele começa a buscar um estágio, a passar por uma série de dinâmicas, com um objetivo ele passa a refletir sobre o que ele ouviu do professor e não levou a sério.” (E1)

Ainda assim, existe a percepção de que o aluno pode, tendo os meios corretos, construir seu projeto de vida de uma forma melhor, mediante o auxílio dado pelos professores, inclusive quanto à preocupação para com o outro.

“Vai implicar em ele começar a decidir o que realmente é importante, é prioridade na vida dele, porque, às vezes, a gente estimula muito uma coisa, mas talvez não seja isso que o aluno espere da vida dele. Tem alguns alunos que eles são interessantes que eles vêm e “eu gosto de trabalhar com idosos”, poxa que legal, só que quando que eu saberia isso, se eu não tivesse sentado, conversado com o aluno.” (E3)

Dois docentes acreditam que os melhores resultados, obtidos por uma melhoria no ensino da ética, é a possibilidade de o aluno estar aberto a acolher novas oportunidades e saber decidir sobre o que ele quer ou não sacrificar.

“Então assim a implicação é que você acaba achando exemplos que te estimulem e qualquer lugar que você vá você tem que observar que existem essas pessoas. Eu encorajo os alunos a buscarem novas experiências, a não se aterem a um determinado tipo de circunstância só, porque, às vezes, tem coisas tão interessantes lá fora e você nem sabe que tem.” (E6)

4.4 Análise conjunta

Duas são as percepções dadas pelos alunos e docentes sobre o sucesso profissional dentro do espaço universitário. A primeira referente à colocação no mercado, ligada à mídia e ao dinheiro e, uma segunda, mais ressaltada pelos professores como o sucesso na carreira acadêmica. O Projeto Político-Pedagógico, por sua vez, deu grande ênfase na função do curso de formar administradores com boa colocação no mercado e entre as competências e habilidades apontadas pelo PPP têm-se características técnicas e também reflexivas como pensamento crítico e ética profissional.

Na questão da construção do projeto de vida, nenhum dos alunos aponta os professores como uma influência, por outro lado, os docentes acreditam que, ao longo da graduação, eles podem auxiliar o aluno em suas escolhas profissionais mostrando as partes boas e ruins de cada área. A família, e outras questões subjetivas, também são apontadas como grandes influências nessa construção e até mesmo os professores entendem que existe um limite para a sua influência no aluno, o que demonstra um certo cuidado nessa relação professor/aluno. Tal interação também é proposta pelo PPP por meio do estágio supervisionado obrigatório, que prevê uma atividade conjunta de professor e aluno, e pelo próprio trabalho de conclusão de curso (TCC).

Se a preocupação com o outro tem relação íntima com o projeto de vida, para as duas amostras, existe uma percepção de que a própria pessoa e as mais próximas são fatores que mais preocupam os indivíduos. Mas, até mesmo os docentes percebem que, dependendo da aspiração de vida, a preocupação com o outro pode chegar a indivíduos mais distantes, da mesma forma, os discentes com projetos de vida, por vezes generosos, também declararam essa preocupação com um outro mais distante.

Os discentes indicam que as reflexões sobre ética, projeto de vida e suas consequências só ocorrem mediante interesse próprio e que são poucas as iniciativas da própria universidade nesse sentido. Essa conclusão também pode ser constatada na entrevista com os docentes que encontram poucas oportunidades de discutir o tema. Ambos os grupos que participaram da coleta de dados trouxeram os seguintes meios que a universidade tem para fazer essa reflexão: aulas, eventos, grupos de extensão e a relação professor/aluno. Tais atividades estão presentes no Projeto Político-Pedagógico,

contudo, segundo os alunos, elas têm que partir de sua própria iniciativa e na visão dos professores essa reflexão deveria ser obrigatória.

Voltando ao referencial teórico e o aplicando à análise pode-se perceber que o projeto de vida e as noções de sucesso e seu preço têm íntima relação com o desenvolvimento ético. Pode-se lembrar, também, que a contextualização da Sociedade contemporânea, seja na perspectiva de La Taille (2009) ou de Lipovetsky (2005), tiveram elementos como o individualismo, a conceituação de sucesso como possibilidade de ascensão e destaque comprovados não só na perspectiva dos participantes, mas também no entendimento que os mesmos possuem sobre a posição da Universidade. Os alunos com projetos de vida voltados de alguma forma à caridade possuíam uma concepção melhor da busca do sentido e da expansão de si, o que resultou dentro da universidade, em uma procura por espaços de discussão sobre ética, moral, sucesso e seu preço. Essa constatação corrobora com a ideia de La Taille (2009) de que é necessária uma cultura do sentido, de expansão de si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desse trabalho buscam ressaltar o ambiente de reflexão gerado dentro da universidade sobre a ética e a moral e em específico sobre o sucesso profissional e suas consequências. Tais temas não devem desmerecer o outro lado da graduação em administração, a parte técnica e de preparo do aluno para o mercado de trabalho.

Os alunos entrevistados possuem um projeto de vida que envolve o outro na medida de suas aspirações, assim, aqueles que têm por projeto ações voluntárias possuem uma preocupação com o coletivo mais distante de si próprio.

Em relação à presença de atividades acadêmicas que trazem reflexões sobre o sucesso profissional e suas consequências, os alunos identificaram que isso só ocorre em momentos específicos de algumas disciplinas, em eventos, no contato com os professores e nos grupos de extensão. Tais momentos não ocorrem de forma obrigatória, o que faz ser necessário um interesse do aluno por essas atividades.

Da mesma forma, os professores entendem que deveria haver um posicionamento melhor da Universidade em relação ao tema, e que a cobrança sobre essa reflexão não é feita em detrimento de uma cobrança sobre os resultados em pesquisa. Os professores tiveram uma divergência de opinião em relação ao quanto eles podem influenciar o projeto de vida dos alunos. Alguns deles acreditam que a educação moral e ética é um papel secundário da universidade, e outros que ela deveria sim se encaixar em todos os espaços da vida acadêmica. Contudo, todos os professores concordaram que eles devem apresentar as áreas de atuação do profissional em administração, seus pontos positivos e negativos.

No Projeto Político-Pedagógico do curso são apresentadas as finalidades do curso de formar egressos com capacidade de reflexão crítica. Ele ainda cita a disciplina de ética e política, matéria obrigatória com o tema de ética em seu conteúdo. Outros mecanismos foram apontados pelos participantes como formas que deveriam ser utilizadas para discutir o sucesso profissional e suas consequências, entre eles: eventos obrigatórios, inclusive para docentes, grupos de estudo e palestras.

Um ponto importante a ser ressaltado como resultado da pesquisa é a existência de um ônus não só para o outro, mas para si mesmo. Tanto alunos como docentes

citaram as consequências do sucesso no mercado de trabalho e que a competitividade e o ambiente do mesmo podem trazer um “sucesso que adoece”.

Claramente, com um estudo inicial qualitativo e de uma única universidade, este não pode ser generalizado para todo o ensino superior do país, no entanto, ele se apresenta como um primeiro passo para a investigação e a melhoria de outras funções da educação universitária, que não aquela do ensino técnico em administração. Vale ressaltar que esse tema pode ser aplicado a qualquer área, não só porque moral e ética são temas transversais, mas, por entender que, em qualquer projeto de vida a reflexão sobre as consequências de suas ações, ou seja, sobre a própria moral deve ser contemplada.

Entende-se como limitação deste estudo o próprio tamanho da amostra e sua abrangência, contudo, como ressaltado, este fica como um primeiro passo para entender como as universidades têm tratado o tema da ética e têm trazido para seus alunos a reflexão crítica sobre a sua atuação em meio a sociedade. Propõe-se ainda que, futuramente, pesquisas mais abrangentes possam utilizar esse mesmo referencial para propor melhorias na educação como um todo, no sentido de buscar o pensamento crítico e incentivar novos meios de reflexão sobre a moral e a ética no espaço acadêmico. Além disso, diante dos resultados apresentados, pesquisas semelhantes podem ser realizadas para discutir o mesmo tema. Indica-se para futuros estudo a realização de uma discussão semelhante com executivos e gestores públicos, e caminhando para o outro lado com o desenvolvimento da personalidade ética dentro das instituições, escola e família.

6 REFERÊNCIAS

ABDOLMOHAMMADI, M J.; REEVES, M. F. Effects of education and intervention on business students' ethical cognition: A cross sectional and longitudinal study. **Teaching Business Ethics**, v. 4, n. 3, p. 269-284, 2000.

ADLER, A. **Le sens de la vie**. Paris: Payot, 1993/1991.

ADLER, A. **Le tempérament nerveux**. Paris: Payot, 1912/1992.

BAGEAC, D; FURRER, O.; REYNAUD, E. Management students' attitudes toward business ethics: A comparison between France and Romania. **Journal of Business Ethics**, v. 98, n. 3, p. 391-406, 2011.

BIAGGIO Brasil A. M. **Universalismo versus relativismo no julgamento moral. Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol 12, num. 1, 1999, p. 0, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COOPER, D. R, SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 7^a Ed., São Paulo: Bookman, 2001.

DROVER, Will. FRANCZAK, J., BELTRAMINI, Richard F. A 30- Year Historical Examination of ethical concerns Regarding Business Ethics: Who's Concerned .**Journal of business ethics**. V. 111, p.431-438. 2012.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6^aEd. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**. RJ: Rosa dos tempos, 1982.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KOHLBERG, L. . The philosophy of moral development: Moral stages and the idea of justice: Vol. 1. **Essays on moral development**. San Francisco: Harper & Row. 1981.

KOHLBERG, L. **Stages of moral development. Moral Education.** 1971.

LA TAILLE, **Moral e ética Dimensões intelectuais e afetivas**, Porto alegre: artmed, 2006.

LA TAILLE, Y. de. **Formação Ética. Do tédio ao respeito de si.** Ed. Artmed. 2009.

LA TAILLE, Y. de. Moral e Ética: Uma Leitura Psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Vol. n.26 pp. 105-114. 2010.

LIMA, V. A. A. de. **De Piaget a Gilligan: retrospectiva do desenvolvimento moral em psicologia um caminho para o estudo das virtudes.** Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 24, n. 3, p. 12-23, Sept. 2004 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300003&lng=en&nrm=iso>. access on: 30 May 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000300003>.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos.** 1^a ed. Manole. Barueri – SP. 2005.

NICOLINI, A. Qual Será o Futuro das Fábricas de Administradores?. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 2, abr-jun, p.44-54, 2003.<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902003000200003>.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo: Summus, 1994.

RICOEUR, P. **Soi-même comme um autre.** Paris: Seuil. 1990.

SANT'ANA, I. M.; GUZZO, R. S. L.. Psicologia escolar e projeto político-pedagógico: análise de uma experiência. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 28, n. 1, p. 194-204, Apr. 2016 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100194&lng=en&nrm=iso>. access on: 20 Sept. 2016. Epub Sep 15, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015aop004>.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Ética para executivos.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

7 ANEXOS

7.1 Anexo 1: Questionário aplicado aos alunos

Nome: _____ Data de nascimento: ____/____/_____

Curso: _____ Semestre: _____ Início do curso: _____

É sua primeira graduação? _____

Solicitamos que você responda as questões abaixo considerando a sua experiência acadêmica nesta universidade. Solicitamos ainda, que, ao fazê-lo você apresente a **justificativa de suas respostas**.

Lembre-se de comentar todas as respostas de cada um dos itens e subitens.

Em sua percepção:

1. Você tem, ainda que não redigido, um projeto de vida norteado pelo objetivo de uma vida boa ou de qualidade?

(se sim)

1.1. Este plano contempla realizações a curto (até um ano), médio (2 a 5 anos) e longo prazo (mais de 6 anos)?

1.2. Nesse projeto você identifica/contempla uma preocupação com o “outro”? Em que nível?

- a. Nível imediato (família, grupos locais, comunidades, bairro)
- b. Nível intermediário (cidade e região)
- c. Nível intermediário avançado (cidade, estado, país)
- d. Nível avançado (outros países e povos)

1.3. Quais as influências, que você reconhece na proposição/organização de seu projeto de vida? (Ex: pessoas, espaços e outros).

2. A universidade apresenta informações e reflexões quanto ao sucesso profissional?

(se sim)

2.1. No discurso apresentado pela instituição, o que é “sucesso profissional”?

2.2. Os alunos são incentivados a conquistarem o sucesso profissional? Como isso é feito?

2.3. Quais são, caso ocorra, as orientações veiculadas pela universidade para que o sucesso profissional seja alcançado?

2.4. A frequência com que a universidade se manifesta quanto ao sucesso profissional é

- a. Insuficiente
- b. Suficiente
- c. Intensa e expressiva.

3. A universidade apresenta informações e manifesta a preocupação quanto ao possível ônus que o sucesso profissional pode trazer para as demais pessoas?

3.1. Caso apresente, em que nível esta preocupação incide:

- a. nível imediato (família, grupos locais, comunidades, bairro)
- b. nível intermediário (cidade e região)
- c. nível intermediário avançado (cidade, estado, país)
- d. nível avançado (outros países e povos)

3.2. A frequência com que a universidade se manifesta em relação aos possíveis ônus do sucesso profissional é:

- a. insuficiente
- b. suficiente
- c. intensa e expressiva

4. O sucesso profissional deve ser abordado no espaço universitário? Se sim, como você considera que a universidade deveria fazê-lo?

7.2 Anexo 2: TCLE dos discentes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este termo tem por objetivo coletar o consentimento livre e esclarecido dos participantes da pesquisa “Sucesso e seu preço: um estudo sobre a reflexão ética e moral nos cursos superiores”.

A pesquisa contará com a participação somente de alunos de graduação, que já completaram metade do curso, da Escola Superior de agricultura “Luiz de Queiroz” e contará com a resposta por escrito de um questionário aberto que abrange projeto de vida, sucesso profissional, os desdobramentos sociais do sucesso profissional e por fim a opinião do respondente sobre esse tema na universidade.

Sua participação neste estudo é voluntária podendo desistir de sua participação a qualquer momento. As informações coletadas são totalmente sigilosas, mantendo a identidade dos participantes preservada.

O risco na participação da pesquisa, bem como os gastos com a mesma, são inexistentes.

Desde já, coloco-me, como professor responsável pela pesquisa, à disposição para quaisquer esclarecimentos. Segue, portanto, os dados para contato: Prof. Dr. Ricardo Leite Camargo (CPF:086306778-64), e-mail ricardocamargo@usp.br, fone (19) 99559-8475. Endereço para contato: Av. Pádua Dias, 11 - Agronomia, Piracicaba - SP, 13418-900.

Eu li e concordo com os termos de consentimento livre e esclarecido para a participação da pesquisa e tenho uma cópia do mesmo.

Assinatura do Participante

7.3 Anexo 3: Estruturação da entrevista com os docentes

Roteiro de entrevista

Dados de identificação

Nome: _____

Ano de início de docência na ESALQ: _____

Disciplinas ministradas para administração: _____

As perguntas de identificação são opcionais, lembrando que não será divulgado nenhum dos dados pessoais nem qualquer tipo de identificação. Solicitamos que responda as seguintes perguntas e ainda, que, ao fazê-lo apresente a **justificativa de suas respostas e sua opinião profissional levando em conta o curso de graduação em administração da ESALQ/USP.**

Visão do educador

1. Na sua opinião, como se dá o papel do docente na reflexão do aluno acerca do sucesso profissional e seus desdobramentos/ônus?

(Entendimento de sucesso e desdobramento)

(Até onde vai o desdobramento)

(Importância dessa reflexão, sucesso e ônus)

(Meios de reflexão do docente com o aluno)

Visão da universidade

2. Qual a sua percepção sobre o papel da Universidade na reflexão sobre o sucesso profissional e seus desdobramentos/ônus?

(Entendimento da Universidade sobre sucesso e desdobramento)

(Até onde vai o desdobramento)

(Meios que a universidade utiliza para fazer essa reflexão)

(Orientações veiculadas para atingir o sucesso)

Opinião do professor

3. Como a reflexão sobre o sucesso profissional e seus desdobramentos/ônus **deveria** ser abordada dentro da graduação em administração?

(As implicações dessa reflexão)

(Os pontos principais)

(A evolução do aluno)

(Mecanismos a serem utilizados)

7.4 Anexo 4: TCLE dos docentes

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este termo tem por objetivo coletar o consentimento livre e esclarecido dos participantes da pesquisa “Sucesso e seu preço: um estudo sobre a reflexão ética e moral nos cursos superiores”.

A pesquisa contará com a participação de professores, da Escola Superior de agricultura “Luiz de Queiroz”, especificamente do curso de graduação em administração, e contará com uma entrevista com roteiro aberto que será gravada e transcrita para posterior análise. A entrevista abrange projeto de vida, sucesso profissional, os desdobramentos sociais do sucesso profissional na visão do docente e na sua visão sobre a universidade e, por fim, a opinião do respondente sobre a reflexão desses temas.

Sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir de sua participação a qualquer momento. As informações coletadas são totalmente sigilosas, mantendo a identidade dos participantes preservada.

O risco na participação da pesquisa, bem como os gastos com a mesma, são inexistentes.

Desde já, coloco-me, como professor responsável pela pesquisa, à disposição para quaisquer esclarecimentos. Segue, portanto, os dados para contato: Prof. Dr. Ricardo Leite Camargo (CPF:086306778-64), e-mail ricardocamargo@usp.br, fone (19) 99559-8475. Endereço para contato: Av. Pádua Dias, 11 - Agronomia, Piracicaba - SP, 13418-900.

Eu li e concordo com os termos de consentimento livre e esclarecido para a participação da pesquisa e tenho uma cópia do mesmo.

Assinatura do Participante
